



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

RAYARA FERREIRA RIBAS

**A POPULAÇÃO NEGRA E OS ESPAÇOS DE LAZER EM OURO
PRETO:**

A Mina Du Veloso como equipamento de lazer, turismo e narrativas
afrodiaspóricas

**OURO PRETO - MG
2022**

RAYARA FERREIRA RIBAS

**A POPULAÇÃO NEGRA E OS ESPAÇOS DE LAZER EM OURO
PRETO:**

A Mina Du Veloso como equipamento de lazer, turismo e narrativas
afrodiaspóricas

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção de título de Bacharel em Turismo
pelo Departamento de Turismo – UFOP.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos
Alves

Coorientador- Luiz Cláudio Alves Viana

**OURO PRETO- MG
2022**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R482p Ribas, Rayara Ferreira.

A população negra e os espaços de lazer em Ouro Preto [manuscrito]:
A Mina Du Veloso como equipamento de lazer turismo e narrativas
afrodiáspóricas. / Rayara Ferreira Ribas. - 2022.
63 f.: il.: color.. + Quadro.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves.

Coorientador: Me. Luiz Cláudio Alves Viana.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola
de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Lazer. 2. Du Veloso, Mina - Ouro Preto (MG). 3. Relações humanas e
cultura - Afrocentrada. 4. Ouro Preto (MG). I. Alves, Kerley dos Santos. II.
Viana, Luiz Cláudio Alves. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV.
Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rayara Ferreira Ribas

**A POPULAÇÃO NEGRA E OS ESPAÇOS DE LAZER EM OURO PRETO:
a Mina Du Veloso como equipamento de lazer, turismo e narrativas afrodiaspóricas**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 15 de Junho de 2022

Membros da banca

[Doutora] - Kerley dos Santos Alves- Orientadora (UFOP)
[Doutora] - Maria Cristina Rosa (UFMG)
[Doutor] - Leandro Beneditini Brusadin - (UFOP)

Kerley dos Santos Alves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 08/11/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Kerley dos Santos Alves**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 08/11/2022, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0424199** e o código CRC **49BB585C**.

Dedico este trabalho aos meus ancestrais, que me permitiram através do passado de luta estar aqui. E a toda minha rede de afeto que cruzaram meu caminho pelas encruzilhadas da vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço a toda força ancestral que me acompanha pelas encruzilhadas da vida e me permite ser e viver com muita potencialidade. Aos cuidados de Orí, que é a minha cabeça, a minha alma e a minha essência. Ao processo de “aquilombar” que proporcionou minha rede de afeto preta que me acolhe, me cuida e possibilita que eu consiga me enxergar neles.

Aos meus pais, Klederson e Miriam, pelo amor incondicional. Aos meus irmãos, Breno e Ana Clara. As minhas avós amadas, Nair e Luzia. A minha irmã de vida, Laís, obrigada por sonhar junto comigo e me ajudar a me tornar quem sou. A Victória Carolina, por voar junto comigo. Aos meus amigos fiés: João Victor, Cacau, Guilherme, Maria Luíza, Iago, Ana Beatriz, Polyanna, obrigada por me proporcionar uma jornada acadêmica de muita cumplicidade, amor, companheirismo, risadas e principalmente afeto, cresci, amadureci e aprendi tanto com vocês.

A minha orientadora querida, a Professora Dra. Kerley dos Santos, por acreditar na minha pesquisa e me permitir me enxergar como pesquisadora, você me inspirou desde o primeiro contato que tive com você no primeiro período, te admiro como profissional e principalmente, como pessoa, sorte a minha ter você junto a mim nessa jornada.. Ao meu coorientador Luiz Viana, por todo o auxílio e toda a disponibilidade ofertada a mim sempre de uma maneira muito cordial, considero um presente ter te conhecido a partir dessa pesquisa.

Agradeço a UFOP pelo ensino superior público de qualidade, e ao DETUR por contribuir na minha formação acadêmica e amadurecimento profissional, em especial a Professora Dra. Luana de Melo e a Professora Dra. Isabela Frederico que sempre me inspiraram nas suas aulas e para além disso, obrigada por todo acolhimento e ensinamentos. Viva o TURISMO UFOP!

*Tudo que bate é tambor
Todo tambor vem de lá
Se o coração é o senhor, tudo é África
Pois em prática, essa tática, matemática falou
Enquanto a terra não for livre, eu também não sou
Enquanto essa história de quem tá por vir, eu vou
Jantar com as menina enquanto germina o amor
É empírico, e onírico, meio pírico, meu espírito
Quer que eu tire de tua dor
Quer mil volta descarga de tanta luta
Adaga que rasga com força bruta
Deus, por que a vida é tão amarga?
Na terra que é casa da cana-de-açúcar
E essa sobrecarga fruto gueto
Embarga e assusta seu suspeito
Recarga que é igual a Jesus
No caminho da luz, todo mundo é preto
'Simbora que o tempo é rei
Vive agora não há depois
Ser tempo da paz como um cais que vigora nos maus lençóis
É um dois um dois conjunto playboy como monge sóis
Fonte como sóis, num front sem bois, forte como nós
Lembra a rua é nós
Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é
Tudo que nós tem é isso, uns ao outro
Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo*

Emicida-Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário)

RESUMO

O direito ao lazer é previsto por lei no §3º do art 217 a todos os cidadãos, entretanto é necessário analisar como cada grupo social acessa tal direito uma vez que diante das normas constitucionais todos os cidadãos deveriam gozar igualmente dos espaços sem distinções de raça, gênero, classe, entre outros. O objetivo desta pesquisa é compreender as ações da Mina Du Veloso como um facilitador a o acesso ao lazer pela população negra de Ouro Preto. A pesquisa de caráter exploratória qualitativa usará como metodologia um levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas de forma remota a fim de captar os relatos e as vivências de outros sujeitos subjetivamente. Esta pesquisa possibilitou entender a importância das narrativas históricas acerca da população negra e a representatividade de forma digna e humanizada dos povos africanos, compreendendo a Mina Du Veloso e as narrativas afrocentradas apresentadas como um facilitador ao acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer. Reconhece-se o poder transformador de conhecer sua história em sua totalidade e não parcialmente, da valorização da cultura e da ancestralidade, elementos de suma importância na construção da autoestima da população negra e do seu reconhecimento dentro da sociedade.

Palavras-chave: Lazer; Mina Du Veloso; afrocentrada; Ouro Preto.

ABSTRACT

The right to leisure is provided by law in §3 of art 217 to all citizens, however it is necessary to analyze how each social group accesses this right since in the face of constitutional norms all citizens should enjoy equal spaces without distinction of race, gender, class, among others. The objective of this research is to understand how leisure is consumed in Ouro Preto with a focus on the black population and thus analyze the Mina Du Veloso as a leisure tool. a bibliographic survey and semi-structured interviews remotely in order to capture the reports and experiences of other subjects subjectively. This research made it possible to understand the importance of historical narratives about the black population and the representation of African peoples in a dignified and humanized way, including Mina Du Veloso and the afrocentric narratives presented as a facilitator of access to leisure for the black population of Ouro Preto. The transforming power of knowing its history in its entirety and not partially, of valuing culture and ancestry, elements of paramount importance in building the self-esteem of the black population and its recognition within society is recognized

Keywords: leisure; Mina Du Veloso; afrocentric narratives; Ouro Preto.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AGTOP- Associação dos Guias de Turismo de Ouro Preto

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IETS- Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SESC- Serviço Social do Comércio

SESI- Serviço Social da Indústria

UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Texto complementar.....	32
Figura 2: Pichação externa na parede de uma casa no Bairro Rosário em Ouro Preto.....	45
Figura 3: Pichação no Museu da Inconfidência, Ouro Preto.....	46
Figura 4: Mini biblioteca na Mina Du Veloso.....	47
Figura 5: Escola Municipal Izaura Mendes, de Ouro Preto, em visita à Mina Du Veloso.....	49
Figura 6: Evento de forró na Mina Du Veloso	53
Figura 7: Oficina de culinária na Mina Du Veloso.....	53
Figura 8: Congado na Mina Du Veloso.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	44
Quadro 2.....	50
Quadro 3.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL ATRELADO A O ACESSO AO LAZER PELOS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS.....	17
1.1 Entendendo o passado para entender o presente: a história contada a partir da perspectiva negra.....	17
1.2 Racismo institucional e a escravidão moderna: onde estão os corpos negros na cidade?.....	23
2. ANÁLISE DO CONSUMO DE LAZER PELA POPULAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA NO BRASIL.....	28
2.1 Contexto histórico do lazer: Caracterização do trabalho e do tempo não trabalhado	28
2.2 Cenário do lazer no Brasil: Lazer como direito a todos.....	31
2.3 A democratização do lazer: O acesso ao lazer pelas minorias sociais.....	34
3. AFROTURISMO COMO FERRAMENTA DE ACESSO AO LAZER PELA POPULAÇÃO NEGRA EM OURO PRETO: MINA DU VELOSO E A HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DA PERSPECTIVA NEGRA.....	39
3.1 Afroturismo no Brasil: Sociedade plurirracial e a valorização da cultura africana.....	40
3.2 Mina Du Veloso: Uma narrativa histórica afrodiáspórica.....	41
3.3 Mina Du Veloso como ferramenta para a inserção da população negra no lazer em Ouro Preto.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES.....	62

INTRODUÇÃO

O lazer é um direito social garantido por lei, e que desempenha um papel de suma importância dentro da sociedade. Uma vez que, esta ferramenta tem o poder de levar aos cidadãos cultura, entretenimento, educação e é um grande aliado na manutenção da saúde mental por estar intimamente ligado a questões de bem estar e prazer.

O turismo é um fenômeno social, que movimenta a economia local e se torna um instrumento potencializador de trocas e mudanças na comunidade local. O turismo está também ligado à produção de lazer, a partir de um atrativo.

Essa monografia surge a partir da inquietação em relação ao sentimento de pertencimento da população negra de Ouro Preto em relação a cidade, visto que temos essa população em maior número no município. E conseqüentemente, ao acesso dessas pessoas à cidade, aos equipamentos de cultura e aos equipamentos de lazer. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é compreender como o lazer é consumido em Ouro Preto com o recorte para a população negra e assim analisar a Mina Du Veloso como uma ferramenta de lazer. E esta problemática é aprofundada a partir dos objetivos específicos de compreender o contexto histórico e turístico de Ouro Preto e a Mina Du Veloso, e assim identificar ações ocorridas dentro da mina Du Veloso em prol da inclusão/acessibilidade da comunidade negra de Ouro Preto.

Portanto, busca-se analisar a Mina Du Veloso como um equipamento de turismo e também um equipamento de lazer, conseguindo alcançar a população negra da cidade a partir de narrativas que humanizem e dignifiquem os povos africanos trazidos para cá, possibilitando que a partir do conhecimento da sua própria história haja a construção da autoestima desses povos e conseqüentemente assim trabalhar a questão do pertencimento à cidade, tais elementos são fundamentais a se considerar quando se pensa no acesso ao lazer, que como premissa necessita da sensação de acolhimento para acontecer.

A presente monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado “Contexto histórico do Brasil atrelado ao acesso ao lazer por diferentes grupos sociais” é feita uma relação entre escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil com as desigualdades sociais e o racismo estrutural enfrentados pela população negra atualmente, afetando diretamente ao acesso dessa população aos direitos fundamentais, como o lazer.

Para as discussões acerca de raça, negritude e a historicidade da população negra foram utilizados autores como: Abdias Nascimento, Grada Kilomba, Silvo de Almeida, Djamila Ribeiro, Bell Hooks, que elucidam acerca do contexto histórico e escravocrata do Brasil e propiciam o aprofundamento de debates acerca da identidade do povo negro.

No segundo capítulo é feita conceituações acerca de lazer, e seu contexto histórico no Brasil, para

se ter uma compreensão de todas as dimensões do lazer e como ele é consumido no contexto brasileiro. Para isso, foram utilizados autores como: Dumazedier (1979), Marcelino (1977), Mascarenhas (2000) que iniciaram os estudos acerca dessa temática e propiciaram assim um aprofundamento nas discussões no campo do lazer.

O terceiro capítulo traz a Mina Du Veloso como um facilitador ao acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer, discorre acerca do afroturismo e as narrativas afrodiáspóricas, possibilitando enxergar no afroturismo uma ferramenta de mudanças sociais e valorização da cultura negra.

Para alcançar os objetivos foram utilizados processos metodológicos como a pesquisa bibliográfica, a observação participante e a aplicação de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos entrevistados participantes, que propiciaram o aprofundamento do debate proposto pelo estudo.

Por fim, pode-se constatar que a partir de Grada (2019) e Nascimento (2016) foi elucidado o contexto histórico escravocrata do Brasil relacionando assim com as desigualdades sociais enfrentadas dentro da sociedade hoje.

E a partir dos autores pioneiros no campo do lazer como Dumazedier (1979), Marcelino (1977) e Mascarenhas (2000) em termos conceituais pôde-se entender o lazer e o contexto do lazer dentro do Brasil.

As considerações finais retomam o turismo como fenômeno social, e a importância de narrativas afrodiáspóricas na construção do “ser” dentro da população negra de Ouro Preto e em como essa população se enxerga, além das ações da Mina Du Veloso para a inclusão da população negra de Ouro Preto no lazer e na cidade.

1- CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL ATRELADO A O ACESSO AO LAZER PELOS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS.

No presente capítulo foi abordado a partir de levantamento bibliográficos discussões acerca de raça, classe e a relação com o racismo, seja ele no âmbito institucional, estrutural, recreativo, na composição e estrutura da sociedade contemporânea. Dentro desse contexto, foi feito um estudo acerca da relação do crime da escravidão na edificação das relações sociais, ao acesso aos direitos básicos como o lazer, e da representatividade do povo negro de forma digna dentro da sociedade. Sendo assim, foram escolhidos autores negros, como: Abdias Nascimento, Grada Kilomba, Bell hooks, Djamilla Ribeiro, Silvo de Almeida, que estudam raça, propiciando um aprofundamento acerca do debate sobre negritude e suas dimensões.

1.1- Entendendo o passado para entender o presente: A história contada a partir da perspectiva negra.

Para se entender como a sociedade atual funciona, suas conseqüentes desigualdades sociais e o racismo intrínseco nela existente é preciso elucidar os contextos históricos que resultaram nesse modelo. Sendo assim torna-se necessário analisar a estrutura do racismo estrutural que existe dentro da sociedade, dificultando o acesso da população negra aos direitos fundamentais como saúde, moradia e lazer. Abdias Nascimento em seu livro “O Genocídio do Negro Brasileiro” clarifica acerca dos processos históricos que edificaram o Brasil:

O ponto de partida nos assinala a chamada “descoberta” do Brasil pelos portugueses, em 1500. A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão. Por volta de 1530, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo seu papel de “força de trabalho”; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regularmente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em proporções enormes (NASCIMENTO, 2016, p. 44)

Nascimento (2016) evidencia que o papel do negro foi fundamental na movimentação da economia brasileira, ou seja, coexistiam. Trazendo para as terras brasileiras não só o trabalho braçal, como é comumente contada a história de forma subalternizada do povo negro, mas trouxeram principalmente a inteligência africana em técnicas de mineração, engenharia, arquitetura, e agricultura. A partir da escravização, da exploração e do sofrimentos dos africanos o Brasil foi construído, e a realidade da estrutura social que hoje existe reflete o passado escravocrata, colocando povo negro em um uma situação de subsistência.

Observando a produção de conteúdo historiográfico seja no âmbito acadêmico, nos livros

escolares, nas representações midiáticas, percebe-se o apagamento da história do povo negro no Brasil, negando a eles o conhecimento do seu passado e sua ancestralidade. Nessa lógica, é necessário evidenciar que além da história tida como referência pela sociedade seguir uma ótica eurocêntrica, ainda é necessário analisar como as representações acerca da identidade negra são colocadas. A escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil, acarretou no apagamento da identidade cultural desses povos a partir do processo de colonização.

O mito da influência humanizadora da Igreja Católica procura exonerá-la de suas implicações na ideologia do racismo sobre a qual a escravidão se baseava. A atitude da igreja relativamente ao negro-africano pode ser iluminada por outro sermão do mesmo padre Vieira, este pregado em Lisboa em 1662: “Um etíope que se lava nas águas do Zaire, fica limpo, mas não fica branco: porém na do batismo sim, uma coisa e outra.” (...) Segundo a oratória de Vieira, as águas do batismo cristão possuíam as diversas virtudes justificativas do escravizamento do africano e, mais ainda, tinham o poder mágico de erradicar sua própria raça – um desgraçado limpo e branco! O racismo óbvio implícito e explícito no conceito dessas águas místicas que tornariam o africano num branco-europeu, estado considerado pela igreja como limpo e patentemente superior ao negro-africano, imediatamente destrói certas alegações de que o cristianismo e, especificamente, o catolicismo, eram inocentes neste assunto de racismo. (NASCIMENTO, 2016, p.48)

Abdias Nascimento (2016) aponta o cristianismo como um dos principais fatores a serem considerados nesse sentido. A partir do cristianismo e conseqüentemente a colonização, tem-se o controle dos costumes, da religiosidade desses povos, onde os escravizados eram coibidos de praticar e vivenciar sua cultura. A igreja católica era ainda uma justificativa para a escravidão. Esse autor contextualiza historicamente os impactos da escravização ocorrida no Brasil evidenciando que o racismo tem como papel de tirar a dignidade do povo negro, suas raízes atuam na ideia do negro sem capacidade intelectual, sem identidade, sem beleza. “(...) e me dei conta de que, para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estraçalha.” (HOOKS, 2019, p.23). Nesse sentido, é necessário ponderar o poder da supremacia branca enquanto fomentadora dos estereótipos de beleza, cultura e costumes produzidos e almejados por aqueles que não se enquadram neste de padrão e a necessidade de se decolonizar nosso olhar.

Stuart Hall (2006) faz um apontamento acerca de identidade cultural no seu ensaio “Identidade cultural e diáspora”:

Identidade cultural [...] tanto é uma questão de “ser” quanto de “se tornar, ou devir”. Pertence ao passado, mas também ao futuro. Não é algo que já exista, transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante. Longe de fixas eternamente em algum passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples “recuperação” do passado, que espera para ser descoberto e que, quando o for, há de garantir nossa percepção de nós mesmos pela eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado (HALL, 2006 *apud* HOOKS, 2019, p.24)

A escravidão começou o processo que perpetua até hoje do auto-ódio, onde o negro aprende em todo seu processo de vivência dentro da sociedade que tudo relacionado a ele é visto de uma forma negativa. Nesse sentido, observa-se na população negra problemas relacionados à autoestima, uma vez que, não se sentem representadas em espaço de poder e os exemplos de representações que existem são de forma pejorativa e diminutiva.

A desumanização do povo negro nas narrativas históricas é de extrema importância para se entender o racismo estrutural, e a dificuldade do acesso dessa população não só as necessidades fundamentais que deveriam ser advindas do estado, mas também no âmbito da saúde mental, do direito de ser reconhecido como um ser humano digno dentro da sociedade, merecedor de se sentir acolhido, amado e também satisfeito esticamente com suas raízes.

Nós vimos que eles com frequência eram incapazes de abandonar ideias de que os brancos são, de alguma forma, melhores, mais espertos, mais propensos a serem intelectuais, e até mesmo de que são mais gentis do que as pessoas negras. Indivíduos negros progressistas descolonizados são surpreendidos diariamente pelo tamanho das massas de pessoas negras (todos eles se identificando como antirracistas) apegadas às estruturas de pensamento da supremacia branca, permitindo que essa perspectiva determine como eles veem a si mesmos e a outras pessoas negras. Muitas pessoas negras nos veem como se “faltasse algo”, como se fôssemos inferiores quando comparados aos brancos. É impressionante a escassez de trabalhos acadêmicos contemplando a questão do auto-ódio dos negros, examinando as formas como a colonização e a exploração de pessoas negras é reforçada pelo ódio racial internalizado via pensamento supremacista branco. Poucos acadêmicos negros abordaram extensivamente a obsessão negra com a branquitude. (HOOKS, 2019. p.30)

Hooks (2019) aponta o poder da supremacia branca diante do povo negro, tendo assim o controle de como esses indivíduos se enxergam dentro da sociedade, atuando diretamente na autoestima intelectual e estética, e a partir desse controle a branquitude impacta fortemente nas relações sociais da população negra.

Analisando ainda como o racismo estrutural impacta diretamente a população negra, analisa-se o acesso dessa população ao lazer, um direito social e de suma importância. O direito ao lazer é garantido por lei, portanto torna-se necessário analisar, no entanto, como cada grupo social acessa tal direito uma vez que diante das normas constitucionais todos os cidadãos deveriam gozar igualmente dos espaços sem distinções de raça, gênero, classe, entre outros. É imprescindível ponderar, por isso, que questões como raça e classe são fundamentais para fazer a análise dessas relações. Nesse contexto, faz-se fundamental lembrar que o Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão, acontecida há apenas 134 anos. Desde esse marco, o país ainda passou por políticas eugenistas e corroboradas pelo mito da democracia racial, não se preocupando com movimentos de reparação sendo que a população negra foi inserida ocupando uma posição de

subserviência social no espectro da raça e da classe, não tendo possibilidades de uma existência digna associada a boas posições de emprego, moradia e, inclusive, de lazer, configurando em sua existência uma busca somente pela sobrevivência.

Sobre o mito da democracia racial, Bernadino (2002) faz uma consideração:

Assim, o mito da democracia racial e o ideal de embranquecimento deram origem a uma realidade social em que a discussão sobre a situação da população negra foi identificada como indesejável e, até mesmo, perigosa. A recusa de reconhecer a realidade da categoria raça, tanto num sentido analítico quanto de intervenção pública, fez do regime de relações raciais brasileiro um dos mais nefastos e estáveis do mundo ocidental (BERNADINO, 2002, p.256)

Logo após ao fim da escravidão no Brasil, a população negra se encontrou em condições precárias. Desta forma, faz-se necessário discutir a profundidade do fenômeno do racismo no Brasil, pois as estruturas racistas para Abdias “se transformam, se modificam, se enriquecem, mudam de tática e estratégia, mas a estrutura do racismo permanece a mesma coisa, desde o tempo da escravidão até hoje” (NASCIMENTO, 2006, p.124). Constata-se a partir desta fala, que houve entre outras medidas a existência de mão de obra remunerada destinada para as pessoas brancas, inclusive a partir de políticas de imigração deixando os negros sem capital financeiro para o sustento e conseqüentemente sem a possibilidade de adquirir moradias dignas, configurando nas primeiras moradias irregulares, conhecidas hoje como favelas.

O Instituto de Pesquisa Econômica e a Aplicada (IPEA)¹ ressalta:

Na segunda metade do século XIX iniciam-se fortes movimentos a favor do fim da escravidão no Brasil. Enquanto alguns escravos conseguiam comprar sua liberdade, carta de alforria, outros fugiam para quilombos. Em 1880 vários quilombos abolicionistas já haviam se estabelecido na periferia do Rio, como a chácara do Sr. Le Bron, no atual Leblon, o Quilombo da Penha, atualmente Vila Cruzeiro no "Complexo do Alemão" e o Quilombo da Serra dos Pretos Forros, que divide Jacarepaguá do Grande Méier. (IPEA, 2010)

Ao perpassar do tempo, foi constituído o que chamamos de escravidão moderna, onde temos o negro como maioria nas favelas, em posições baixas no mercado de trabalho, sem representatividade nos espaços de poder, sem representação nas universidades públicas e são a maioria que compõe a classe social baixa assim como os índices de pobreza e analfabetismo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os mais pobres, três em cada quatro pessoas são negras, o que inviabiliza o acesso de tais aos direitos básicos, como o lazer, elencados acima.

Áreas negras segregadas representam lugares com os quais pessoas brancas não se

¹ Acesso em:

https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23

importam, ou não ousam ir, e dos quais mantêm uma distância corpórea específica. Ao descrever essa distância física, David Marriott (1998) fala de “ansiedades e medos raciais brancos sobre contágio somático”. A divisão entre os lados leste e oeste é um lembrete geográfico acerca das fronteiras que o sujeito negro não pode transgredir, para não contaminar o território branco. Tal geografia evidencia uma assimetria de poder na qual a branquitude define sua própria área e a negritude é confinada a uma determinada área definida pela branquitude. Essa era a principal função da ideologia segregacionista, confinar as/os “Outras/os” raciais. (GRADA, 2019. p.169)

Essa autora nos faz refletir no reflexo direto que o racismo tem na construção dos espaços e da cidade, onde a segregação racial é vista de forma clara. Quando se analisa o âmbito do lazer, e se pensa nos espaços onde se é produzido entretenimento, é fundamental analisar como as pessoas negras se sentem nesses lugares, que em sua maioria é de total poder da branquitude. Sendo assim, por muitas vezes tais ambientes são de difícil acesso a população negra, analisando pelo viés da receptividade e do acolhimento que é escasso para essas pessoas, que a partir da hostilidade com que são recebidas nesses ambientes, não se sentem pertencentes, e assim não conseguem usufruir do mesmo. Grada (2019) fala que a solidão negra, e o lugar isolado em que a sociedade coloca o negro é uma expressão do racismo, com uma lógica que é arquitetada para manter o poder da supremacia branca. Ainda sobre o sentimento de acolhimento, nesse sentido ela complementa:

O isolamento revela como a vida de pessoas negras é modelada por uma ansiedade introjetada de serem atacadas por medos brancos de contágio. Em termos psicanalíticos, a ansiedade responde exatamente a alguns fatores ainda não reconhecidos: Por que há pouquíssimas pessoas negras aqui? O que isso poderia significar? Estou segura/o aqui? Não se pode evitar a associação do próprio isolamento com o medo branco de ser contaminado pela negritude e, conseqüentemente, com um medo introjetado de que alguém possa ser atacado, quando se é percebida/o fantasmagoricamente como “sujeira” no território “delas/es”. (GRADA, 2019, p.171)

Pensando ainda no viés do lazer, é fundamental analisar não só na composição dos espaços urbanos, mas também no conteúdo produzido pelo mesmo. No Brasil, em sua grade curricular do ensino fundamental e médio, não é comum se ver a história a partir da perspectiva africana ser contada, portanto temos desde novos uma perspectiva branca de mundo. Somente em 2008 foi aprovada a lei² nº10.639 e a inserção da disciplina história da África e cultura afro-brasileira nos currículos escolares.

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas). Muitas universidades e faculdades pelo País não contêm em seus currículos disciplinas voltadas aos estudos que preparariam estes profissionais da educação para o ensino destas disciplinas. Em outras instituições, estas disciplinas não fazem parte do currículo principal, sendo ofertadas apenas como disciplinas

² Acesso em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182>

optativas. O resultado tem sido professores despreparados para ministrar estes conhecimentos aos estudantes da educação básica por não possuí-los. Além disso, a ausência destes estudos no currículo principal das licenciaturas contribuem para a perpetuação de uma visão de mundo eurocêntrica, de preconceitos e estereótipos raciais e para uma atmosfera de intolerância cultural e religiosa, elementos nocivos para a unidade do Estado Brasileiro, que jurou combatê-los na Constituição e em tratados internacionais.(BRASIL,2008)

Nessa lógica, observa-se a problemática da falta da introdução de conteúdo de matriz africana ao decorrer da história, fazendo com que a população negra no Brasil não conheça sua história na totalidade, e sim a história contada a partir da ótica européia. Apesar da lei ter sido instaurada no Brasil em 2008, observa-se a dificuldade desse conteúdo ser ministrado pela falta de preparo dos profissionais, como foi elencado acima.

Sendo assim, não consumimos a história da população negra e logo não consumimos cultura negra também. Tem-se a necessidade de eventos que deem visibilidade e exaltem artistas, produtores, escritores, atores, que sejam negros. Para assim, a partir da representatividade em locais de lazer, as pessoas negras se sentirem bem acolhidas, e representadas em locais públicos, onde por muitas vezes são ambientes predominantes brancos.

Segundo Djamilla Ribeiro (2018):

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais — que é um lugar de privilégio — acabam acreditando que esse é o único mundo possível. (RIBEIRO, 2018, p.45)

Posto isto, evidencia-se como o processo de apagamento cultural é vivido pela população negra desde o início de sua vida, nos ambientes acadêmicos e de socialização. Mostrando que o lugar da branquitude sempre é de superioridade, onde eles enxergam o mundo a partir do lugar de privilégio que ocupam na sociedade.

A naturalização da desigualdade deriva de origens históricas e institucionais, ligadas, entre outras, à escravidão e sua abolição tardia, passiva e paternalista e também, ao caráter corporativista de parte considerável do período republicano. A desigualdade tornada uma experiência natural, no entanto, não se apresenta aos olhos da sociedade brasileira como um artifício. A naturalização da desigualdade, por sua vez, engendra no seio da sociedade brasileira resistências teóricas, ideológicas e políticas para identificar o combate à desigualdade como prioridade das políticas públicas. (...) nega-se, assim, no cotidiano, a desigualdade e o racismo. (ENRIQUES, 2003, p. 5 *apud* CARNEIRO, 2005, p.112).

Analisando ainda o viés da composição dos eventos atrelados ao racismo e da construção dos espaços públicos na cidade, podemos observar para quem esses ambientes são destinados e qual o público alvo, que por muitas vezes é direcionado a branquitude. As festas e shows, são “bem vistos” de acordo com as pessoas que os frequentam. Logo, como estratégia de marketing e publicidade, os organizadores desses eventos produzem seu conteúdo voltado a alcançar o público branco, a partir das propagandas protagonizadas por pessoas brancas, e também pelos valores e locais escolhidos, pensando assim também na mobilidade urbana e no poder aquisitivo. Desse modo observa-se inúmeras problemáticas que dificultam o acesso ao lazer e aos espaços públicos pela população negra, analisando assim como o racismo atua diretamente nessa construção.

1.2- Racismo institucional e a escravidão moderna: onde estão os corpos negros na cidade?

Para compreender como o racismo atua dentro da sociedade é necessário elencar diversos fatores e alguns âmbitos do racismo. Sendo assim, sobre o racismo institucional Silvio de Almeida (2019) traz:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas –por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (ALMEIDA, 2019, p.28)

Portanto, a atuação institucional se torna um importante parâmetro para se analisar as desigualdades sociais existentes. É necessário evidenciar as falhas do poder institucional, mas também é preciso salientar que a partir da atuação institucional pode-se ter políticas para que reduzam as desigualdades sociais e acesso da população negra aos direitos básicos, como o lazer. Um exemplo eficaz são as políticas afirmativas, que hoje aumentam os números de pessoas negras nas universidades e instituições federais. Pensando no viés do lazer, as políticas públicas podem ser uma ferramenta para facilitar o acesso da população negra aos espaços de lazer, a eventos culturais, shows, concertos, teatros, possibilitando assim que esse grupo social acesse a cultura de forma mais democrática.

Para analisar-se o contexto do Brasil e o acesso aos direitos básicos é necessário elucidar

alguns pontos, sendo estes detalhados pelo Instituto de Estudos do Trabalho e sociedade (IETS):

A população de cor branca corresponde a cerca de 54% dos brasileiros, enquanto a população de cor negra corresponde a 45%. No entanto, ao considerar a composição racial da pobreza, constata-se que 53 milhões de pobres e 22 milhões de indigentes não estão “democraticamente” distribuídos em termos raciais. Os negros representam 45% da população brasileira, mas correspondem a cerca de 63% da população pobre e 70% da população indigente. Os brancos, por sua vez, são 54% da população total, mas somente 36% dos pobres e 30% dos indigentes. Os indicadores de distribuição de renda também expressam forte viés racial contrário à população afro-descendente. Assim, além do inaceitável tamanho da pobreza no país, constata-se a enorme sobre-representação da pobreza entre os negros brasileiros. Nascer negro no Brasil implica maior probabilidade de crescer pobre. A pobreza no Brasil tem cor. A pobreza no Brasil é negra. (IETS, 2001, p. 14-15 *apud* CARNEIRO, 2005, p.113).

Quando pensamos em lazer para a população negra pode-se fazer uma análise em dois âmbitos: o público e o privado. Nos espaços públicos destinados à recreação e lazer, como praças, ruas e avenidas, torna-se necessário refletir como esses ambientes são construídos e qual é o público alvo. Não tem como falar em socialização sem deixar de analisar pelo marcador do racismo já que nesses locais por conta do preconceito racial, os negros são tratados com hostilidade, o que os fazem crer que esses espaços não são destinados a eles. Sob a perspectiva do privado, é necessário examinar a respeito dos marcadores de classe, como já foi dito, no Brasil a maioria da população de baixa renda é negra. Quando se analisa o campo privado é fundamental ponderar a dificuldade de acesso dessa população a esses espaços, tanto pela dificuldade ocasionada pela renda e pela hostilidade que é presenciada tanto nos espaços públicos, e de forma mais agravada nos espaços privados.

A partir deste ponto de vista, constata-se que a raça está atrelada a classe, e é imprescindível correlacionar ambas para se estudar o impacto das mesmas na estrutura da sociedade. Munanga disserta (2009, p.13) “entre raça e classe, alguns estudiosos de formação marxista pensavam que a solução definitiva da questão racista no Brasil só viria com a transformação da atual estrutura capitalista” é necessário frisar que pensar-se em classe é um importante ponto de partida para se diminuir as desigualdades sociais advindas da população negra no Brasil, pois assim poderia contribuir no âmbito econômico, mas ao se pensar na desigualdade racial é necessário se pensar além da classe. Nesse sentido, Sueli Carneiro (2005) complementa:

(...) Os indicadores educacionais por sua vez, confirmam a intensidade e o caráter estrutural do padrão de discriminação racial no Brasil. Atualmente, jovens brancos de 25 anos de idade tem 2,3 anos de estudo a mais do que jovens negros com os mesmos 25 anos de idade. No entanto, apesar da escolaridade de brancos e negros ter crescido de forma contínua ao longo do século, essa diferença de 2,3 anos de estudos entre jovens brancos e negros de idade é a mesma observada entre os pais e os avós desses jovens. O padrão de discriminação racial, expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, não só é significativamente elevado, considerando os níveis da escolaridade média dos adultos

brasileiros, como, sobretudo, mantêm-se perversamente estável entre as gerações. (IETS, 2001, p. 14-15 *apud* CARNEIRO, 2005, p.113)

Essa autora pontua outro marcador do racismo, a educação. Na análise de dados trazida por ela constata-se a enorme desigualdade nesse âmbito enfrentada pela população negra. A educação tem um papel fundamental na vida do ser humano, sendo um instrumento transformador dentro da sociedade, a partir do conhecimento. A educação possibilita também o acesso à cultura, ao preparo acadêmico e conseqüentemente em melhores condições de vida e mais oportunidades.

Portanto, analisando o racismo atrelado a classe evidencia-se problemáticas acerca do acesso ao lazer e do corpo negro enquanto ser político dentro da sociedade. A fim de facilitar o consumo de lazer pela população negra, considera-se a necessidade de políticas de incentivo à produção de eventos culturais dentro das periferias. Construindo estruturas contando assim com o empreendedorismo negro, produzindo lazer para a comunidade e ao mesmo tempo oferecendo mão de obra qualificada, propiciando cursos e especializações. Trazendo o lazer não só como entretenimento, mas também como uma ferramenta modificadora para as comunidades.

Logo, é necessário se pensar não só no lazer dentro das periferias, mas também na cidade como um todo. Nos centros urbanos, praças, shoppings e locais constantemente frequentados pela elite. Tais locais, onde continuamente ocorrem eventos, como: shows e festivais, que são consumidos majoritariamente por pessoas brancas. Por conseguinte, é fundamental pensar nos empecilhos ao acesso desses locais pela população negra, como mobilidade, renda, racismo e sentimento de acolhimento a essas pessoas nesses ambientes. É crucial pensar na democratização do acesso ao lazer e a cultura dentro da cidade, e assim pensar para quem são destinados.

Almeida (2019) fala:

O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc. – e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais – como de frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais. (ALMEIDA, 2019, p.24)

Posto isto, evidencia-se a necessidade de analisar como o racismo na atualidade atua diretamente na construção da cidade, nos espaços, nas ruas, praças, eventos, nos centros. Em como a cidade é pensada e construída pensando no viés do lazer, para que cada grupo social tenha o seu lugar, com a branquitude sempre ocupando o lugar de poder. Sendo assim torna-se necessário analisar como o racismo afeta o acesso a cidade e conseqüentemente ao lazer pela população negra.

Pensando no âmbito não só do institucional, Moreira (2019) fala sobre o racismo recreativo:

Certos autores identificam três tipos de microagressões: microassaltos, microinsultos e microinvalidações. O primeiro designa um ato que expressa atitudes de desprezo ou de agressividade de uma pessoa em relação a outra em função de seu pertencimento social. Isso pode ocorrer por meio de falas ou comportamentos físicos que pressupõem uma diferença de valor entre pessoas; eles geralmente são conscientes e propositais, sendo então expressões de estereótipos negativos em relação ao outro. Estamos aqui diante daqueles indivíduos que evitam interações sociais com minorias, que não tratam minorias com a mesma cortesia que dispensam as pessoas do próprio grupo. (MOREIRA, 2019, p.13)

O racismo impossibilita a população negra ao acesso ao lazer não só pelo âmbito institucional, pela falta de políticas que atendam essas pessoas, mas também no viés do racismo recreativo, onde não há receptividade da mesma forma que os brancos obtêm nos espaços de lazer.

Para que o acesso ao lazer seja democrático necessita-se que a branquitude se mova, e saia do lugar de comodidade, o que faz com que esse grupo tenha privilégios e esteja no topo da pirâmide social. Esta posição cômoda que tal grupo obtém por séculos, desde o crime da escravidão. Sendo assim, é notório que os brancos detêm de uma dominação racial, que por consequência temos as desigualdades sociais enfrentadas pela população negra. Bell Hooks em “Olhares negros raça e representação” discorre acerca do poder da branquitude:

Numa sociedade supremacista branca, as pessoas brancas podem imaginar “seguramente” que são invisíveis para as pessoas negras, uma vez que o poder que garantiram historicamente — e que até hoje estabelecem coletivamente sobre as pessoas negras — concedeu-lhes o direito de controlar o olhar negro. Por mais fantástico que possa parecer, pessoas brancas racistas acham fácil imaginar que as pessoas negras não podem vê-las se, dentro de seu desejo, não querem ser vistos pelo Outro de pele escura. Uma marca da opressão era as pessoas negras serem obrigadas a assumir um manto de invisibilidade, a apagar todos os traços de sua subjetividade durante a escravidão e ao longo dos anos de apartheid racial, para assim serem servos melhores, menos ameaçadores. (HOOKS, 2019, p.148)

A realidade não igualitária em que atualmente a população negra vive, é resultado do movimento de eugeniação e a falta de políticas públicas que auxiliem o povo negro a ter uma condição de vida estável e acesso aos direitos fundamentais, ferramenta essa de reparação social para a construção de uma vida digna para eles. Em uma sociedade onde é difícil o acesso à educação, saúde e moradia, essas, condições mínimas para subsistência.

É imprescindível se pensar em oferecer ferramentas que propiciem a população negra acesso e valorização a sua cultura, assim possibilitando ações de reparação por meio do lazer. Fazendo com que, sua história seja contada e reconhecida, onde o negro seja visto como protagonista, e como um indivíduo dentro da sociedade. O lazer é de suma importância na manutenção da saúde mental, esta,

que é uma grande questão relacionada aos negros. Com questões que envolvem: autoestima, bem estar, depressão, ansiedade, transtornos mentais que afetam essa população e refletem o efeito do racismo no cotidiano de vivência. Djamilla Ribeiro (2018) faz um apontamento em relação às desigualdades sociais:

Embora as desigualdades nas oportunidades para negros e brancos ainda sejam enormes, políticas públicas mostraram que têm potencial transformador na área. O caso das cotas raciais é notável. Na época em que o debate sobre ações afirmativas estava acalorado, um dos principais argumentos contrários à implementação de cotas raciais nas universidades era “as pessoas negras vão roubar a minha vaga”. Por trás dessa frase está o fato de que pessoas brancas, por causa de seu privilégio histórico, viam as vagas em universidades públicas como suas por direito. (RIBEIRO, 2018, p.23)

Posto isto, pensando assim em ações de reparação, as políticas públicas funcionam de maneira eficaz no ingresso de estudantes negros e pardos no ensino superior no Brasil. Sendo assim, pensando no âmbito do lazer, as políticas públicas teriam um importante papel no combate à desigualdade social e a diversidade em ambientes de entretenimento. Com políticas de integração e valorização da cultura negra, o acesso ao lazer por esse grupo social se torna mais fácil, a partir dessas ferramentas pode-se pensar em uma sociedade mais igualitária, e com acesso aos direitos fundamentais a todos.

2-ANÁLISE DO CONSUMO DE LAZER PELA POPULAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA NO BRASIL

Neste capítulo foi abordado conceituações acerca do lazer, recreação, trabalho e tempo livre. Para assim possibilitar a partir da correlação dos elementos elencados acima uma compreensão histórica do lazer no Brasil. Nesse sentido, analisa-se a democratização e o acesso ao lazer pelas diferentes classes sociais, ponto de partida para essa pesquisa.

2.1- Contexto histórico do lazer: Caracterização do trabalho e do tempo não trabalhado.

Para compreender o campo teórico do lazer é preciso entender o papel do trabalho dentro da sociedade. Sendo assim, o trabalho pode ser compreendido pela “ [...] aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim: O trabalho permite ao homem certo domínio sobre a natureza; divide bem o tempo entre o trabalho e o lazer” (FERREIRA, 1986, p. 1695).

Nesse sentido, para analisar os conflitos de classe e o capitalismo, é necessário se refletir acerca de como o racismo influencia nessas construções.

Enquanto que majoritariamente as análises das relações raciais consideram o racismo enquanto ato irracional e destinado a desaparecer, tem-se que atentar para entendimento em que se busca identificar quais os grupos poderiam se beneficiar de todo este preconceito e discriminação racial. Neste diapasão, a interpretação marxista aponta para a contribuição do racismo para a sustentação do sistema capitalista de produção, sendo tal ferramenta manipulada pelos grupos dominantes. Desta forma, a classe dominante, dona dos meios de produção, desejaria a manutenção de uma força de trabalho cuja constituição fosse por indivíduos racialmente dominados. Além disso, a questão racial daria azo a divisões dentro da classe trabalhadora, o que mitigaria o conflito de classes. Neste sentido, o próprio advento do preconceito racial estaria relacionado à mercantilização do trabalho, sendo claro que o que se intenta a manutenção de uma força de trabalho que se possa explorar. (SAN’T; HENRIQUE, 2018, p.412)

Este autor pontua o racismo como instrumento para a manutenção da classe dominante, sendo assim a branquitude se beneficia do racismo, pois a partir dele a posição de privilégio exercida pelos brancos continua intacta. Darcy Ribeiro (1995) acrescenta:

A estratificação social gerada historicamente tem também como característica a racionalidade resultante de sua montagem como negócio que a uns privilegia e enobrece, fazendo-os donos da vida, e aos demais subjugua e degrada, como objeto de enriquecimento alheio. Esse caráter intencional do empreendimento faz do Brasil, ainda hoje, menos uma sociedade do que uma feitoria, porque não estrutura a população para opreenchimento de suas condições de sobrevivência e de progresso, mas para enriquecer uma camada

senhorial voltada para atender às solicitações exógenas. (RIBEIRO, 1995, p.212)

Portanto, contextualizando as relações de trabalho e não trabalho, a primeira revolução industrial torna-se um importante ponto de partida para se entender a sociedade capitalista e a sociedade dominada pelo trabalho, uma vez que as jornadas de trabalho eram tão extensas que não havia possibilidade alguma de direito ao ócio. “[...] pela religião do trabalho a ponto de aceitar, após 1848, como uma conquista revolucionária, a lei que limitava a doze horas de trabalho nas fábricas” (LAFARGUE, 1999, p. 27), o autor faz uma importante discussão sobre a “servidão voluntária” e a necessidade do indivíduo de trabalhar e indaga como o proletariado se deixa dominar pelo trabalho em diversos sentidos.

“Os trabalhadores passam a ser dominados pelo mercado de trabalho, porque se veem obrigados a aceitar qualquer condição para trabalhar e são dominados pelos produtos do trabalho (LAFARGUE, 1999, p.37)”, pela ótica do autor percebe-se a dificuldade ao acesso do proletariado aos direitos básicos, visto que são suprimidos em rotinas exaustivas de trabalho em busca de condições de subsistência, onde não tem direito ao ócio. Lafargue defende a ideia de que os trabalhadores tenham sua jornada reduzida, sendo de 3 horas e com o ano trabalhado durando apenas seis meses.

“Na sociedade de mercado, a noção de lazer tem sido degradada, porque se tornou sinônimo de ociosidade, passatempo, diversão – conotações que o lazer nunca teve antes” (RAMOS, 1989, p. 130), tendo em vista que vivemos em uma sociedade capitalista, nota-se a dificuldade em equilibrar o tempo trabalhado do tempo não trabalhado, com os indivíduos cada vez mais cansados inseridos em rotina exaustivas de trabalho, torna-se cada vez mais difícil o acesso ao lazer, sendo este um importante instrumento de manutenção da saúde mental da população.

Refletir sobre o lazer como um direito social, garantido em nossa constituição, desloca o foco de discussão para as conquistas sociais que se vinculam a ele. E nesse sentido, estamos falando da limitação da jornada de trabalho e do final de semana, férias e feriados remunerados. De certa maneira, esses são os momentos “consagrados” ao lazer no Brasil e no mundo. (GOMES, 2002 *apud* SILVA, 2011)

“A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção” (HAN, 2015 p. 23).

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa e mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude e das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violências, adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas

dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2015, p. 30)

A sociedade do cansaço estudada por Byung-Chul Han (2015) mostra como a intensificação das jornadas de trabalho combinada com as rotinas exaustivas, configuram-se em adoecimento não só físico do indivíduo, mas também no adoecimento mental. A sociedade contemporânea é regida pelo tempo trabalhado, e o tempo não trabalhado, por muitas vezes é utilizado somente para o descanso para conseguir trabalhar mais posteriormente. Sendo assim, observa-se que uma sociedade cada vez mais cansada, não conseguem realizar para si próprio seus desejos individuais, atividades que lhe proporcionam prazer e produção de endorfina, hormônio produzido pelo cérebro que é responsável pela satisfação.

O contexto histórico acerca das conquistas trabalhistas ainda no século XX era de forma lenta e conseqüentemente o direito ao lazer era difícil de ser alcançado. Martoni (2019) pondera:

[..] Além disso, tal eventualidade estava associada à sua condição de trabalhador, às possibilidades de regularidade e de pagamento pelo transporte e ao direito a férias que, até o início do século XX não era regulamentado pelos Estados, sendo uma garantia possível mediante acordos coletivos entre empregados e empregadores que não se estendiam a todos os ramos produtivos. (MARTONI, 2019, p.77)

A partir de 1830 o lazer dos assalariados configura da seguinte forma, como Martoni (2019) descreve:

Além das poucas horas de sono, o entretenimento estava atrelado à bebida, às visitas aos cabarets, às rinhas de galo, às lutas de boxe. Os cabarets, em diversos departamentos franceses (Normandie, Pas-de-Calais, Finistère) era a opção de lazer por excelência dos assalariados da indústria e aqueles que apareciam no campo, sendo que o número de inaugurações de estabelecimentos cresce expressivamente a partir de 1830. Mas com essas práticas se inscrevem os primeiros mecanismos de controle, uma vez que algumas opções de atividades de lazer circunscritas aos pobres nem sempre eram bem vistas pelo Estado, entidades patronais e instituições religiosas. Assim, na década de 1830 verifica-se uma maior preocupação das classes dominantes com a definição do lazer das classes trabalhadoras, ou seja, as possíveis reestruturações do tempo de trabalho que se concretizavam a passos lentos exigiam o redimensionamento do que era moralmente aceito de se fazer fora do trabalho. (MARTONI, 2019, p.77)

Posto isso, torna-se importante elucidar acerca da ideia de tempo livre. Martoni (2019) esclarece que com as rotinas de trabalho, em um mundo que exige produtividade, é necessário que haja um tempo de descanso, visto que o descanso é uma necessidade fisiológica de todo ser vivo.

Filho (2005, p.28) considera que “quando o trabalho se torna uma obrigação, o não trabalho aparece como uma forma de fuga para enfrentar as condições objetivas do trabalho.”

Analisando a revolução industrial nota-se como o estado desempenha um papel de controle no tempo ócio das classes baixas, “o advento das fábricas absorve os necessitados de trabalho seis dias por semana, salvo os domingos, considerados como dias santos” (MARTONI, 2019, p. 70), portanto além de obter o controle a partir do capital pelo trabalho, que constituía a maior parte do

tempo do proletariado, exista também o controle de como era usado o tempo livre dessas pessoas. Tal controle era de suma importância para manter o rigor das jornadas extensas de trabalho, e conservar os interesses das classes altas. Martoni (2019) complementa:

A diminuição dos feriados atrelados às festividades católicas está associada ao trabalho esculpido de forma a consumir a quase totalidade da vida ativa dos sujeitos, sendo que tal formato (sempre em transformação) conta com mãos diversas em seus moldes, como as das religiões protestantes. (MARTONI, 2019, p.70)

Portanto, "por volta de 1840 restavam apenas dois dias –‘Christmas’ e ‘Good Friday’ (Sexta-feira Santa) – nas minas e na maioria das indústrias; nenhuma diferença para as mulheres e para as crianças” (BOYER, 2003, p. 91).

2.2- Cenário do lazer no Brasil: Lazer como direito a todos

O direito ao lazer é garantido por lei no §3º do art 217 a todos os cidadãos, como pode-se observar:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

§ 3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

O lazer se configura em direito social, sendo assim Cury (2006, p. 22) ressalta “o direito social é um investimento, assegurado pelo Estado, que visa reduzir progressivamente as desigualdades, controlar os excessos dos interesses privados e dar oportunidade a todos de acesso a determinados bens sociais indispensáveis a uma vida digna e a uma participação cívica consciente”.

Dumazedier (1979,) define lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1979, p.12)

Figura 1: Texto complementar

Fonte: Caderno educacional (2011)

Marcellino (1987) divaga sobre o “tempo disponível” que contrasta o “tempo das obrigações”, seria esse o tempo onde o indivíduo utilizaria para o lazer, por exemplo. Para ele, o trabalho é uma obrigação tanto quanto atividades familiares, religiosas, políticas, cívicas, sociais, escolares, entre outras. Mascarenhas (2000) contrapõe propondo a reflexão acerca do “tempo desocupado” ser analisado através do trabalho, explicitando o caso dos desempregados, onde não existiria o “tempo das obrigações” e utiliza para esse recorte de pessoas o termo “tempo desocupado” por não existir o trabalho, onde ele pondera o fato dessas pessoas continuarem a ir a igreja e eventos religiosos, contando também com as outras obrigações do cotidiano, sendo assim as pessoas mesmo na ausência do trabalho não se eximem das obrigações.

Christianne Pinto (2019) traz uma consideração em relação ao lazer:

Loisir, leisure e lazer têm origem etimológica no latim licere, que significa ser permitido, poder, ter o direito. Essas palavras podem ter significados diferentes de acordo com o contexto, mas todas mantêm algum tipo de relação com a vivência de atividades culturais, considerando tempo/espaço disponíveis e a atitude assumida pelas pessoas neste tipo de experiência – marcada por um sentimento de liberdade (mesmo que seja apenas imaginada), impulsionada pela busca de satisfação e pelo desfrute do momento vivido. (PINTO, 2019, p.68)

Sendo assim, torna-se necessário evidenciar a diferença dos termos “lazer” e “recreação”. Para Brêtas (1997 *apud* Silva, 2011), recreação pode ser entendida como o criar, o recriar e o recriar-se, que está intimamente atrelado à ação do homem sobre o mundo, portanto a recreação pode ser uma das possibilidades para o lazer

Dumazedier (1987) considera alguns aspectos na caracterização do lazer:

1) Caráter libertário –o lazer é compreendido como a liberação das obrigações profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas, resultando de uma livre escolha do sujeito; 2) Caráter desinteressado –o lazer não precisa estar vinculado a algum fim específico, seja de ordem profissional, utilitário, lucrativo, material, social, político; 3) Caráter hedonístico –a vivência do lazer é marcada pela busca do prazer e por isso o hedonismo representa o seu motivo principal; 4) Caráter pessoal –as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social do lazer respondem às necessidades do indivíduo perante a gama de rígidas obrigações impostas pela sociedade (SILVA *et al.*, 2011, p. 16).

A discussão acerca de lazer no âmbito nacional, começa a tomar força nas décadas de 1980 e 1990, visto que nesse momento começam a ser publicados trabalhos de grande relevância, possibilitando assim o estudo e o aprofundamento nessa área. Requiça (1977) sendo um dos estudiosos sobre essa temática destaca a importância da inserção do lazer na sociedade:

Insiste em que haverá para o indivíduo benefício de natureza pessoal, bem como uma importante contribuição à coletividade, pela forma compensatória do lazer, aliviando as tensões sociais próprias dos tempos modernos. Trata-se de obra do mais vivo interesse, não apenas histórico, mas documental e referencial, para todos aqueles que se dediquem ao estudo da temática do lazer no Brasil, especialmente pela feição científica, seriedade e proficiência do trabalho. (REQUIXA, 1977, p.102)

Segundo Silva (2011) para compreender o avanço dos estudos e aplicação do lazer no âmbito nacional, é necessário ponderar as ações de instituições, tais quais: Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Social da Indústria (SESI) com ações a partir do lazer no contexto educacional. É necessário frisar que embora tais instituições tenham desempenhado um importante papel no acesso da população ao lazer, essas não levavam em consideração fatores importantes como: raça, classe e gênero.

Analisando ainda o contexto histórico em que se dá o lazer, Gomes (2008) evidencia a contribuição do sociólogo José Vicente de Freitas Marcondes, que ministra a palestra nomeada “Trabalho e Lazer no Trópico”, posteriormente a criação do curso de pós-graduação acerca da Sociologia do Lazer e do Trabalho, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Seguidamente, ainda em 1970, ocorre a publicação do livro “O Lazer e Cultura”, por João Camilo de Oliveira. Essas iniciativas proporcionaram um aprofundamento nos campos de estudo sobre o lazer, e evidenciar a influência dessa área no desenvolvimento da sociedade.

Marcellino (1997) considera 4 tópicos em relação ao lazer:

1. Lazer é a “cultura vivenciada no ‘tempo disponível’ das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude”; 2. Lazer é

“fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente”; 3. Lazer é “um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural”; 4. Lazer é “portador de um duplo aspecto educativo, veículo e objeto de educação (MARCELINO, 1977, p.157-158)

Marcelino correlaciona o lazer junto da cultura e a educação, uma vez que o lazer pode ser uma ferramenta de mudança social, de bem-estar psíquico, e que auxilia na saúde mental. Segundo Gomes (2008 *apud* C.Gomes, 2010), "as manifestações culturais que constituem o lazer são práticas sociais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura, tais como: festas, passeios, viagens, poesia, grafite e desenho, pintura, escultura, dança, vivências e expressões corporais, jogos eletrônicos e experiências virtuais.”

Dumazedier (1979) confronta o acesso a cultura com as diferenças de classe:

Essas sociedades precisam desenvolver a participação de todos na vida cultural, na compreensão e até na produção —obras da técnica, ciência e arte — para que a cultura de nível não passe a ser privilégio de uma minoria, enquanto a massa do público, apesar da ação da escola, continua numa situação de subdesenvolvimento cultural, tendo de contentar-se com uma cultura de nível inferior. Tais sociedades precisam fazer com que todos os indivíduos participem dessa orientação, devem despertar, em cada ser, seu próprio equilíbrio entre o descanso, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade, no quadro dessa participação sociocultural. (DUMAZEDIER, 1979, p. 290)

Esse autor destaca a importância de se pensar lazer e cultura de uma forma democrática e mais igualitária, e assim o quanto importante esses elementos são dentro da sociedade, tendo potencialidades transformadoras.

2.3- A democratização do lazer: O acesso ao lazer pelas minorias sociais

É de suma importância o investimento do poder público em políticas de democratização ao acesso ao lazer, para que este direito social atinja todas as esferas sociais, reconhecendo seu caráter de importância dentro da sociedade, sendo uma ferramenta transformadora na coletividade. Assim, fortalecendo a importância da arte e da cultura, estes elementos são intimamente ligados ao lazer.

Para se pensar na democratização do lazer o no contexto histórico no Brasil é necessário ponderar o impacto do racismo na manutenção das desigualdades sociais e conseqüentemente a dificuldade de acesso ao lazer:

Segundo o IBGE, 44% dos pretos e pardos vivem em cidades sem cinemas, contra 34% da população branca; 37%, em cidades sem museus contra 25% dos brancos; essa pesquisa aponta um dos fatores que implicam diretamente na desigualdade acerca do acesso aos equipamentos culturais.³

³ Acesso em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

Outro ponto significativo para se considerar em relação ao acesso aos equipamentos de lazer é o aspecto socioespacial, a localização das moradias influencia de forma considerável quando se analisa os elementos que dificultam o alcance de lazer. Brenner, Dayrel e Carrano (2005) dissertam acerca do lazer e espaço:

Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 179)

É preciso se atentar que os negros historicamente estão inseridos em sua maioria dentro das favelas e periferias em um grande contraste em relação aos brancos. Os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴ mostram:

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), aponta que ainda é perceptível a diferença entre negros e brancos, especialmente no que diz respeito aos domicílios localizados em assentamentos subnormais, ou seja, favelas e assemelhados. Entre 1993 e 2007, o percentual de residências que se encontravam em favelas ou semelhantes passou de 3,2% para 3,6%. É um percentual considerado baixo, mas que representa um universo de 2 milhões de domicílios, ou pelo menos 8 milhões de pessoas. Considerando a distribuição de acordo com o chefe da família, tem-se que 40,1% dessas casas são chefiadas por homens negros, 26% por mulheres negras, 21,3% por homens brancos e 11,7% por mulheres brancas. De acordo com o estudo, essa distribuição mostra a predominância da população negra em favelas, o que reforça a sua maior vulnerabilidade social. Outro ponto analisado, referente à condição de habitabilidade da população, é o adensamento excessivo, ou seja, o número muito grande de pessoas na residência. Os valores são considerados baixos (5% em 2007) e vêm se reduzindo (eram 10% em 1993). No entanto, também nesse aspecto é marcante a desigualdade de raça e gênero. Se apenas 3% dos domicílios chefiados por brancos se encontram nessa situação, entre as famílias com chefes negros o percentual mais que dobra, chegando a 7%. (IPEA, 2008)

Nesse sentido, podemos elencar além dos outros fatores já citados, a renda como um ponto significativo. Analisando ainda os dados oferecidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizou-se uma pesquisa onde os resultados obtidos revelam tais dados:

O Ipea analisou também as barreiras para o acesso à cultura. A maioria, 71%, afirma que os preços altos são um importante empecilho ao acesso cultural. Foi pesquisada, nas cinco regiões brasileiras, a percepção da população em relação à localização dos equipamentos e espaços culturais e sua proximidade com o local onde moram. Na Região Sul, 55,3% dos entrevistados consideraram que os equipamentos culturais são mal situados; na Região Sudeste, essa é a percepção de 53,8% da população; na Região Centro-Oeste, essa percepção atinge a 44,5% das pessoas; no Nordeste, o percentual é de 51,2%; e na Região Norte, é de 43,4%. No nível nacional, pouco mais da metade da população avaliou que os equipamentos culturais são mal situados em relação ao local onde moram. Cerca de 41% da população tem a mesma percepção em relação aos lugares públicos de encontro. Já o comércio foi apontado como bem situado por quase 60% das pessoas. Foram avaliados

⁴ Acesso em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=4520&limit=10#:~:text=cultura%2C%20diz%20pesquisa-,%C3%89poca%20%2D%20On%20Line%3A%20Pre%C3%A7o%20alto%20%C3%A9%20obst%C3%A1culo%20para%20acesso%20%C3%A0,da%20metade%20nunca%20vai%20a

ainda os espaços verdes, como praças e parques, que são percebidos como bem localizados por 30,7% dos entrevistados. Mas, para 31% deles, esses espaços foram classificados como mal situados. Os equipamentos esportivos são percebidos como mal situados por 43,2% da população. O Ipea ouviu 2.770 pessoas nas cinco regiões do país. A margem de erro da pesquisa é de 5%. (BRASIL, 2019)

É necessário ponderar que classe e raça estão totalmente ligados. Nesta lógica, analisar como a população negra está inserida no mercado de trabalho no Brasil e a renda que eles detêm é de suma importância para entender o acesso dessa população ao lazer.

Com relação à colocação no mercado de trabalho, em 1976, 68% dos negros e pardos ocupavam postos de trabalho em que se exigia pouca qualificação e com baixa remuneração. Hoje, o mesmo grupo racial tem 48,7% da sua força de trabalho atuando em trabalhos informais. Com relação aos brancos, em 1976, os postos de trabalho em que se exigia pouca qualificação e com baixa remuneração absorviam 52% da mão-de-obra. Em 2013, 34,7% da mão-de-obra ocupava empregos informais. Percebe-se, ainda uma maior atuação de negros em subempregos. (SANT; HENRIQUE, 2018, p.415)

“Bebida é água. Comida é pasto. Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? A gente não quer só comida. A gente quer bebida, diversão e arte. A gente não quer só comida. A gente quer saída para qualquer parte.” (BRITO, 1987. p.24).

Além disso, torna-se importante falar em relação a cultura que temos acesso e conseqüentemente a cultura que nos foi negada. O Brasil passou pelo processo de colonização, importante fator a se considerar quando se pensa nas produções midiáticas, culturais, costumes, e na construção dos “gostos” de uma sociedade. Christianne (2010) traz uma consideração acerca disto:

Muitas de nossas práticas culturais foram/são negligenciadas e menosprezadas; muitos aspectos importantes de nossa história foram/são silenciados e muitos processos foram e continuam sendo mutilados e desterritorializados. Esses problemas precisam ser enfrentados, urgentemente. Nessa perspectiva, entendo que o lazer reveste-se de um potencial significativo para enriquecer nossas práticas educativas a partir de distintas linguagens que podem, a partir de uma lógica diferente da tradicional, ampliar a compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos (GOMES, 2010, p. 6)

Posto isto, torna-se necessário analisar o âmbito do poder público e assim dos incentivos fiscais na área de lazer, podendo ser aplicados em projetos, eventos, iniciativas, possibilitando o acesso de um maior número de pessoas. É necessário frisar a importância da Lei Federal Rouanet que teve sua nomenclatura modificada para Lei de Incentivo a Cultura, sobre ela Silva (2020) traz:

A Lei Rouanet (BRASIL, 1991), promulgada em 23 de dezembro de 1991, é a principal ferramenta de incentivo às atividades culturais. Por meio dela, empresários e pessoas físicas podem dispor de incentivos financeiros ao benefício de projetos culturais como museus, teatros, exposições culturais, abatendo-se o valor total ou parcial do dispêndio, no imposto de renda. Essa consciência da importância do capital político da cultura como fator de agregação de marketing positivo faz com que os grupos se alternem em subjugar, manipular

e se articular em torno das movimentações de expressões populares, intelectuais, educacionais e artísticas. (SILVA, 2020, p. 232)

Vale salientar que essa lei teve um decreto que influenciou de grande forma em sua atuação, uma vez que com a modificação nos projetos que são apoiados por apenas um patrocinador, este pode destinar até 5% dos produtos culturais, se obtiver mais de um patrocinador o teto total de gastos totaliza 10% dos produtos, o decreto diz:⁵

Decreto 10.755/21 Art. 31. Não constitui vantagem financeira ou material a destinação ao patrocinador de até cinco por cento dos produtos resultantes do programa, projeto ou ação cultural, com a finalidade de distribuição gratuita promocional, consoante plano de distribuição a ser apresentado quando da inscrição do programa, projeto ou ação, desde que previamente autorizado pela Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo.
Parágrafo único. No caso de haver mais de um patrocinador, cada um poderá receber produtos resultantes do projeto em quantidade proporcional ao investimento efetuado, respeitado o limite de dez por cento para o conjunto de incentivadores

Este novo decreto impactou diretamente nos projetos que já estavam em andamento, e impacta também os novos projetos a serem concretizados. É importante salientar que toda a movimentação bancária só acontece mediante a aprovação da Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal.

É necessário frisar que a Lei de Incentivo a Cultura tem seus pontos negativos, uma vez que a mesma tende a priorizar projetos que têm mais possibilidade de maior arrecadação monetária.

Silva (2020) elucida que uma das formas de estímulo à cultura deveria ocorrer pelos incentivos fiscais, ou seja pelo dinheiro público. Mas o que de fato ocorre é uma renúncia do governo quanto a isso, aplicando o capital que deveria ser direcionado a cultura e lazer em outras áreas.

Mascarenhas (2005) atenta acerca da privatização e do sucateamento dos equipamentos de lazer e necessidade de aumentá-los, colocando em pauta a importância de políticas públicas na democratização do lazer. Ele enfatiza a necessidade de um “*mercolazer*” que consiste em verba pública aplicada diretamente no lazer gratuito a toda população, sendo assim esse autor discorre sobre uma “*política lazerania*”:

Uma “política de lazerania” deve estar articulada ainda a uma política de cidades. Isto, pois é cada vez mais evidente a reconfiguração imposta à geografia de nossas urbes pela dinâmica expansiva do “mercolazer”. Como as formas de apropriação da cidade expressam o modo das relações de produção, desenvolvimento desigual, concentração, exclusão etc., tudo isso está presente também no modo de vida urbano. Nesse sentido, é o poder do dinheiro e da especulação que traça o desenho das cidades. E aí, o “capital divertido” se faz emblemático. Com seus shoppings, parques, restaurantes,

⁵ Acesso em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/433857355/artigo-31-do-decreto-n-10755-de-26-de-julho-de-2021>

paisagens mercantilizadas, clubes-condomínio etc., alarga fronteiras, cria e combina fluxos, estabelece migrações, privatiza espaços públicos, delimita zonas de exclusão e flexibiliza territórios. Por isso a necessidade de políticas de planejamento urbano voltadas à questão da distribuição dos espaços e equipamentos de lazer, procurando, de um lado, acabar com o movimento especulativo em torno dos novos empreendimentos de “mercolazer” e, de outro, ampliar as possibilidades de lazer acessíveis para o conjunto da população. (MASCARENHAS, 2005 p. 166)

Dessarte, é necessário evidenciar o papel do estado para gerir recursos e assim corroborar para o lazer de forma mais democrática, promovendo lazer para que alcance todas as esferas sociais. Esse autor ressalta o lazer como uma possibilidade de uma nova direção política e uma nova direção cultural, atuando positivamente no coletivo e no individual.

3-AFROTURISMO COMO FERRAMENTA DE ACESSO AO LAZER PELA POPULAÇÃO NEGRA EM OURO PRETO: MINA DU VELOSO E A HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DA PERSPECTIVA NEGRA

O turismo é uma ferramenta social, econômica e cultural. Sendo assim, reconhece-se a potencialidade dessa ferramenta no âmbito social, seja na narrativa apresentada da historicidade, na produção de empregos, geração de renda e fomento da cultura.

Principiando do pressuposto das narrativas afrocentradas terem um importante papel na construção da autoestima do povo negro, este capítulo estuda a potencialidade da Mina Du Veloso localizada em Ouro Preto ser além de um equipamento turístico, um equipamento de lazer. Uma vez que, o lazer está intimamente ligado ao bem estar, sentimento este que pode ser advindo da valorização da cultura e a representatividade do povo negro, que a partir das narrativas e as atividades propiciadas na Mina Du Veloso, pode observa-se a mina como um facilitador ao acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer.

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste na primeira etapa em um levantamento bibliográfico, pois segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”.

Essa pesquisa é de caráter qualitativa, onde Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 22) dissertam que “a pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente”. Sendo assim, utilizou-se esse método a fim de analisar as vivências, experiências e as contribuições das narrativas dos entrevistados participantes.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A) com três convidados que atuaram trabalhando dentro da Mina Du Veloso, que são moradores de Ouro Preto desde a infância e se autodeclararam negras, foram feitas dos dias 20 de abril até o dia 25 de abril, com um questionário a *priori* roteirizado mas que também permite a flexibilização em relação a inclusão de comentários do entrevistado, permitindo uma maior liberdade de comunicação do entrevistador com o entrevistado. Nunes (2006) disserta acerca desse método:

O recurso da entrevista semi-estruturada proporciona uma flexibilidade à coleta de dados, assim como uma maior abertura ao entrevistado, tornando dessa forma as respostas mais fidedignas, a qual se traduz através de uma série de perguntas que seguem o fio condutor que é a raiz da problemática, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. (LAVILLE e DIONNE, 1999 *apud* NUNES, 2016, p. 5)

O processo de marcação das entrevistas ocorreu virtualmente por meio eletrônicos como

email e mensagens por *Whatsapp*. Depois que os convidados aceitaram o convite foram agendadas as entrevistas e realizadas pela plataforma *Google Meet*, e assim foram gravadas a fim de que a entrevistadora pudesse transcrever e analisar o conteúdo de forma mais detalhada e aprofundada.

Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), autorizando o uso do conteúdo obtido nas entrevistas para a análise da pesquisa e reflexões acerca das temáticas abordadas.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas pela autora da pesquisa, a fim de correlacionar os dados coletados a partir da observação participante com o conteúdo teórico exposto nos capítulos anteriores e com a problemática apresentada na pesquisa, com o intuito de responder as questões propostas desse estudo.

3.1- Afroturismo no Brasil: Sociedade Plurirracial e a valorização da cultura africana.

O Ministério do turismo pelo Plano Nacional de Turismo trabalhou nos anos de 2007 a 2010 por uma iniciativa do Governo Federal intitulada “Uma viagem de inclusão”, onde começou a se trabalhar uma nova segmentação: o Turismo Étnico, que se encaixa dentro da segmentação do Turismo cultural. Segundo o Caderno de Turismo Cultural, o Turismo Étnico “constitui-se de atividades turísticas envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnico.”

Dessarte, o Ministério do Turismo define o Turismo Étnico como:

O Turismo Étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados. (BRASIL, 2008)

(TRIGO; NETTO, 2011, p.3) ponderam que “O turismo étnico-afro depende, portanto, de uma compreensão histórica, cultural, social, econômica e política da negritude no Brasil, especialmente do que significou o brutal processo de escravidão que durou da primeira metade do século XVI até 1888”. À vista disso, compreende-se a importância desse segmento no fomento da cultura dos povos africanos no Brasil, para que a partir do turismo possa ocorrer uma valorização da cultura da população negra e conseqüentemente o aumento da autoestima desses povos, que por muitas vezes na historicidade brasileira são apagados e retratados em narrativas que os inferioriza dentro das dinâmicas da sociedade. Ademais, ainda atua no desenvolvimento socioeconômico,

acarretando em obtenção de renda para o turismo local.

O afroturismo e as narrativas afrodiaspóricas tem como papel além de promover o fortalecimento da identidade negra no Brasil, propicia o afroempreendedorismo e a produção do “*Black Money*” traduzido para o português dinheiro preto, que se trata da produção de negros para negros, a movimentação de capital na mão de empreendedores negros que empregam pessoas negras, produzindo capital que auxilia nas desigualdades sociais dentro da comunidade negra. Silva (2019) define *Black Money* como o “incentivo do consumo de produtos e serviços produzidos por negros, e o ato de fazer o dinheiro circular entre a comunidade afrodescendente por mais tempo, gerando consciência social, econômica e financeira”

Gomes (2021, p.44) contextualiza acerca das condições de classe da população negra, “[...] haja vista que, embora sejam maioria no país (55,8% da população) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE, 2019), eles tem os piores salários (Equipe Lupa, 2018) e possuem taxas de analfabetismo mais altas (IBGE, 2018).”

É necessário entender a historicidade do Brasil para se compreender a importâncias das narrativas trazidas pelo Turismo Étnico, no viés do afroturismo:

explica que a história dos afrodescendentes no Brasil por muito tempo foi descrita de maneira incompleta, isto é, a única referência era ser descendente de escravizados, como se a história das populações africanas vindas para o Brasil tivesse tido início com a escravidão. A autora explica que a identidade e a memória da sociedade brasileira negra foram estabelecidas neste contexto, sem especificação de descendência, isso quando não houve tentativas de branqueamento da população do país, fomentadas por pensadores e cientistas nos séculos XIX e início do XX. Ademais, segue a autora, a complexidade no cenário em que se deu a constituição da identidade afrodescendente no Brasil estará presente na literatura, na educação etc., de maneira a esvaziar “toda uma população de historicidade e memórias de si, haja vista que até mesmo os processos de resistências são minimizados e/ou negligenciados dentro das literaturas históricas”. (OLIVEIRA, 2021, p.49 *apud* SOUZA, 2012, p.3)

O turismo é um fenômeno social que possibilita a preservação da memória dos povos negros, trabalhando e despertando o sentimento de pertencimento a partir da memória coletiva. O afroturismo permite contar a história da população negra a partir da perspectiva da valorização das contribuições feitas pelos povos africanos na construção do Brasil, saindo da perspectiva que visa apenas a escravidão, focado no sofrimento sofrido por esses povos, resumindo esses indivíduos na condição de escravos e não de escravizados, tirando assim sua identidade e humanidade.

Posto isto, é necessário elucidar a pluralidade dos povos que existem no Brasil, uma vez que foram trazidos para este território povos de diferentes origens da África, e frisar a existência dos povos indígenas que foram os primeiros habitantes desse país.

3.2- Mina Du Veloso: Uma narrativa histórica afrodiáspórica

Ouro Preto, a antiga Vila Rica, é marcada pela historicidade acerca da mineração, da extração de ouro e da mão de obra dos escravizados que edificaram a cidade. No século XVII, ocorreu a descoberta de jazidas auríferas, este fenômeno acarretou em intensos movimentos migratórios e conseqüentemente mudanças na sua territorialidade.

A grande quantidade de ouro que se encontrou em Vila Rica foi a única causa de sua fundação. Seria, aliás, impossível escolher posição menos favorável, pois que essa vila está afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer tipo de rio navegável; as mercadorias só podem chegar em animais de carga, e seus arredores são completamente estéreis (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 69).

Nesse sentido, para se compreender o contexto histórico de Ouro Preto é preciso levar em consideração também a Inconfidência Mineira, a Guerra dos Emboabas e a Revolta de Felipe dos Santos.

Ao se analisar a Inconfidência Mineira. Martins (1995, *apud* VIANA, 2021, p.41) enfatiza acerca da história contada de forma heterogênea, deixando assim de contar a narrativa dos indígenas e dos africanos, sendo então contada a partir de uma única ótica, a ótica da elite mineira.

Ouro Preto foi a primeira cidade a ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio da Humanidade em 1980, Viana (2021) nos faz refletir acerca do processo de patrimonialização da cidade de Ouro Preto, que consiste no reconhecimento pelos órgãos públicos federais dos bens da cidade, ele trabalha a ideia do patrimônio e a história serem intrínsecos, ou seja elementos que não podem ser estudados separadamente. Nessa perspectiva, o autor analisa:

Pierre Nora (1993) em seu livro *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* aponta que a história é parte integrante da formação de uma memória nacional coletiva e, para isso, essa memória não acontece somente no campo da oralidade e da narrativa documentada, mas também se faz presente em lugares que simbolizam e enraízam essas memórias em um espaço físico geográfico. O autor entende que, ampliando as possibilidades de afirmar a memória coletiva através da oralidade e da documentação palpável historiográfica, e ao materializá-las nos lugares de memória, essas memórias e documentos passam a ser também lugares de história. Atitudes como essa faz as narrativas históricas nacionalistas limitarem as possibilidades de questionamento historiográfico ao esvair as fontes documentais indiretas, impossibilitando o surgimento de dúvidas por parte de futuros estudiosos. (VIANA, 2021, p.39)

Nessa lógica, ao analisar o registro historiográfico da cidade e a história repassada, percebe-se uma história incompleta, resultando no esquecimento das contribuições dos povos africanos e indígenas na edificação e na construção da historicidade de Ouro Preto, resultando em uma perspectiva contada a partir de um único olhar, o olhar eurocêntrico

[...] entende-se que no caso específico da cidade de Ouro Preto a legitimação do patrimônio a partir de todas as formas utilizadas para sua legitimação patrimonial nacional como abordado anteriormente. Surge daí um imaginário urbano e turístico apoiando-se neste patrimônio, o próprio processo de tombamento da cidade foi de sua paisagem, não de sua história, ou seja, por todo seu conjunto arquitetônico, quanto ao imaginário urbano ele vai está associado a essa paisagem, e quanto à atividade turística ela vai se utilizar do patrimônio como promoção da mesma e se apoiar no imaginário urbano para fortalecer a imagem turística da cidade. Resta-nos entender se tal percepção da imagem urbana se pautou nos valores sociais da comunidade local ali presente. (VIANA; BRUSADIN, 2019, p.8)

Em visto disso, a Mina Du Veloso proporciona a ressignificação do local turistificado, a valorização da cultura e patrimônio do povo negro, e se torna um espaço que através do turismo possibilita contar a história dessa população que foi negado a eles. Trazendo a perspectiva negra em sua narrativa, saindo da ótica subalternizada que comumente coloca-se a população negra e seu papel na historicidade.

Ouro Preto tem um grande potencial turístico, atraindo um grande número de turistas ao decorrer do ano para conhecer a cidade. O Centro de Ouro Preto é extremamente turistificado, sendo o turismo uma grande ferramenta que movimenta e economia local. Como dito anteriormente, a narrativa europeia e nacionalista predomina nos equipamento turísticos da cidade. Luiz Viana (2021) faz uma análise acerca do turismo consumido na região central da cidade e atenta a questão da dificuldade de fomentar um turismo em uma nova narrativa não comumente utilizada e fora dos arredores centrais:

[...] notamos que o patrimônio de Ouro Preto, juntamente com o turismo desenvolvido na cidade, fragmentaram territorialmente o espaço urbano priorizando o centro histórico (centro turístico) como local de se fazer turismo, pois a região central da cidade é onde os bens patrimoniais de natureza europeia estão localizados. Pensar e desenvolver um projeto turístico em uma cidade que já é turística aparentemente pode parecer fácil, mas pensar e desenvolver um projeto de turismo afrocentrado em uma cidade colonial pode se tornar um desafio. (VIANA, 2021, p.82)

A Mina Du Veloso foi um projeto idealizado por pessoas que se autodeclaram negras, moradoras de Ouro Preto e da comunidade do Veloso, importante ponto de representatividade, leva esse nome pelo idealizador principal do projeto Eduardo Ferreira, conhecido popularmente como Du. A mina se localiza no Veloso, fora da área central da cidade, mas como Viana (2021) salienta a localização não se torna uma dificuldade na visitação e acesso das pessoas, uma vez que está localizada na entrada da cidade e próxima ao posto de informações turísticas da Associação dos Guias de Turismo de Ouro Preto (AGTOP).

3.3- Mina Du Veloso como ferramenta para a inserção da população negra no lazer em Ouro Preto.

O objeto de estudo utilizado nesta pesquisa é a Mina Du Veloso, onde analisa-se a mina enquanto equipamento de turismo e também um equipamento de lazer e ainda assim se ela pode ser um facilitador ao acesso da população negra ao lazer em Ouro Preto. Sendo assim, a escolha das pessoas a serem entrevistadas foi pensada primeiro no âmbito racial, visto que os três entrevistados são pessoas que se autodeclararam negras, e são moradoras de Ouro Preto, tendo em vista a importância da narrativa contada a partir da perspectiva negra tanto no âmbito das vivências com o lazer quanto em como um ser político inserido na cidade como morador.

E o segundo ponto analisado foi a experiência dos entrevistados atuando diretamente na Mina Du Veloso, visto que os três convidados trabalharam atuando na Mina, podendo assim fornecer uma análise do funcionamento do local, do processo de admissão e capacitação para o trabalho, e ainda sim da importância da narrativa contada a partir da valorização da inteligência trazida pelos povos africanos.

Quadro 1

	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3
Idade	47	33 anos	29 anos
Quanto tempo vivenciou a vida em Ouro Preto enquanto morador?	Desde Criança até a atualidade	20 anos de vivência até a atualidade	Desde Criança até a atualidade

No Quadro 1, nota-se que dois entrevistados viveram em Ouro Preto desde a infância até a vida adulta, tal fato é de suma importância na análise da experiência dos indivíduos em relação ao lazer na cidade de Ouro Preto, uma vez que podemos observar as vivências no lazer e as diferentes perspectivas do olhar enquanto criança e do olhar enquanto adulto na cidade de Ouro Preto.

Este estudo, procura mostrar a Ouro Preto não de uma forma hegemônica e turístificada, mas sim a visão da cidade como um todo, com sua pluralidade, e a perspectiva da comunidade, dos moradores, do lugar deles na construção e na vivência da cidade.

Para análise desta pesquisa foram estudadas questões atreladas ao lazer como: o pertencimento, o sentimento de sentir pertencente ao lugar que vive e conseqüentemente sentir que faz parte daquilo como um todo, de sua história. Silva (2019) disserta acerca do pertencimento:

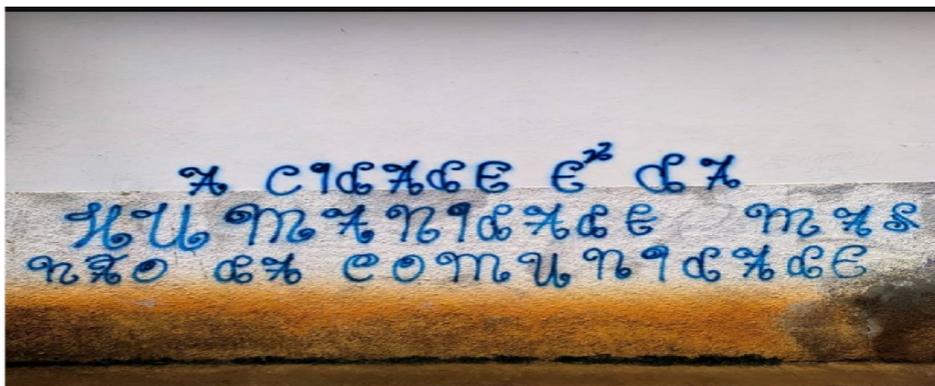
o sentimento de pertencer a um grupo e lugar mantém a coesão comunitária, de tal modo que entrelaça o lugar, a população e o pertencer, levando o indivíduo a olhar para algo, e se reconhecer naquilo. Implica na identificação daquele indivíduo como parte de uma cultura, de um local, e de uma sociedade que possui características culturais próprias”.(BRETAS 2008 *apud* SILVA 2019, p. 26)

O sentimento de pertencimento é um importante fator ao se analisar o campo do lazer, uma vez que, o lazer está diretamente ligado à cidade. Quando questionado sobre o sentimento de pertencimento em relação à Ouro Preto, o entrevistado 3 discorre:

Pois é, eu acho que aí passa muito da nossa da nossa educação, sabe? Da educação do povo daqui de Ouro Preto, a educação que eu falo é no sentido escolar mesmo, porque hoje acredito que não está tanto assim . Até mesmo pela experiência que eu tive trabalhando na mina, onde a gente recebia muitos estudantes primários, do fundamental das escolas de Ouro Preto, já com alguns professores que estavam com essa ideia de fazer com que os alunos entendessem a importância do negro na cidade de Ouro Preto, e repassar isso para escolas públicas daqui da cidade, então eu vejo que primeiro tem que ser um trabalho eu não digo nem tanto de conscientização, mas sim de sensibilização mesmo, que tem que ter para que essa ideia atinja todas as gerações, de alguma maneira, de alguma forma. Eu acho que o poder público está diretamente envolvido na cidade em relação a isso. É importante a gente crescer sabendo quem nós somos de fato e não com vergonha de quem somos, é saber quem nós somos, o lugar onde nós vivemos, acho que isso é importante para a gente começar a ter esse conhecimento desses espaços principalmente dos espaços de lazer em Ouro Preto. que é fundamental para a população ter esse sentimento de pertencimento com aqueles passos de desenvolver atividades naquele espaço, porque às vezes nem tem mas que possa ter com interpretação histórico social (ENTREVISTADO 3)

“Buscar a identidade e o sentimento de pertença de um lugar é procurar compreender o entrelaçar das falas e conceitos que dão forma aos espaços. Os significados, os sentidos e os valores atribuídos a um espaço”. (SILVA, 2013, p.202). Posto isto, evidencia-se a importância de se analisar as narrativas propiciadas na cidade de Ouro Preto e assim da produção espacial, de como a cidade é edificada, o que propicia uma segregação da população.

Figura 2: Pichação externa na parede de uma casa no Bairro Rosário em Ouro Preto.



Fonte:<<https://journals.openedition.org>>

Figura 3: Pichação no Museu da Inconfidência, Ouro Preto.



Fonte: <https://journals.openedition.org>

Nas pichações mostradas nas figuras 3 e 4, evidencia o sentimento das comunidades e das periferias -onde é ocupado majoritariamente pela população negra- em relação a cidade. A frase “A cidade é da humanidade mas não é da comunidade” mostra a concepção dessas pessoas em relação ao seu lugar em Ouro Preto, com a ideia de que a cidade é edificada para os outros, mas nunca para a comunidade local.

Nesse sentido Kerley contextualiza:

(...) o espaço se torna lugar pela identificação do sujeito com o que se estabelece no entorno. O “torna-se lugar” se dá quando o espaço adquire valor de referência, passando a significar identidade, exprimir laços afetivos e sentimento de pertencimento, num incessante tempo de construir e desconstruir do ser humano (ALVES, 2012, p. 232).

O turismo ocasionou uma imagem fetichizada de Ouro Preto, um imaginário turístico. A frase da figura 4 “Patrimônio da humanidade elitista” reflete a construção do centro e seus arredores que são consumidos majoritariamente pelos turistas. Onde encontra-se os moradores das comunidades da cidade na mão de obra desses locais, mas raramente desfrutando deles. Os centros⁶ e praças, *a priori*, tem o intuito de promover lazer, encontro de pessoas, entretenimento, ser uma

⁶ O próprio termo centro introduz como necessária a ideia de periferia. Privilegiar o centro é descompromissar com o que não é central. É hierarquizar os espaços da vida social e qualificá-los de forma discriminatória”(MENEZES, 1996, p.94

ferramenta pública que proporcione um local identitário do indivíduo no local em que ele vive. Observando o centro de Ouro Preto e seus arredores, percebe-se o preço elevado dos estabelecimentos, colocando o primeiro empecilho de acesso: a renda. É necessário ponderar que esses locais centrais são escolhidos em sua maioria para sediar eventos na cidade como: shows, concertos, cinema ao ar livre, festivais, performances. Posto isto, evidencia a necessidade de expandir esses eventos para outros locais da cidade, como ferramenta de inserção e valorização dos locais não centrais.

Viana e Brusadin (2019) dissertam acerca da importância do patrimônio como ferramenta de socialização, elucidando que o patrimônio deve ser acessível de forma igualitária, e a história contada a partir deles devem abranger a todos e não ser de uma forma hegemônica. Alcançando todas as classes e espaços da cidade.

A construção de um imaginário turístico acerca de Ouro Preto e sua região central, proporciona a imagem de uma cidade irreal e incompleta, voltada para a produção de um cenário para consumação de turismo, deixando de lado a população local.

Tal fato descola os bairros periféricos da cidade com seus valores históricos e naturais distante dos valores representativos de si própria e, também, não oportunizam um redimensionamento do espaço urbano e de sua temporalidade para os seus visitantes. Tal fato reduz a perspectiva urbana e ainda exclui os próprios moradores do processo de valorização do patrimônio e da possibilidade de apropriação do turismo cultural. (VIANA; BRUSADIN, 2019, p.15-16)

Figura 4: Mini biblioteca na Mina Du Veloso



Fonte: Luiz Viana (2021)

A Mina Du Veloso faz um trabalho no sentido de decolonizar o turismo e as narrativas

comumente propagadas na cidade. No sentido de valorizar a cultura negra, propiciando a construção da autoestima da população negra de Ouro Preto a partir do conhecimento deles da sua história, que é feito também com base na educação patrimonial que a mina oferece, fazendo o trabalho de trazer as crianças do ensino fundamental, principalmente do ensino público -mas também particular- para conhecer a narrativa da história de Ouro Preto na perspectiva de valorização da cultura negra, propiciando que essas crianças possam conhecer sua história desde novas, para assim trabalhar questões de autoestima e pertencimento a cidade. Neste sentido o entrevistado 1 discorre sobre esse trabalho que é feito na mina:

Desde que abrimos a mina fizemos parceria com uma escola próxima aqui do bairro, que é a escola Municipal Padre Carmelo, a outra é a escola municipal Alfredo Baeta, que fica um pouco mais afastada da mina. Pena que não há subsídio público, tudo é feito voluntário, a gente busca as crianças na escola e vem encaminhando até aqui mostrando o bairro sobre essa perspectiva da valorização dos povos africanos, contando que aqui é uma grande mina de ouro. Então a gente faz esse trabalho todo voluntário trazendo as crianças das escolas de Ouro Preto aqui. Tivemos que parar esse trabalho por conta da pandemia, mas agora estamos pensando em retomar e tentando ver se conseguimos um apoio governamental para subsidiar, porque acaba que temos que parar a atividade de turismo que é o que gera renda para executar o projeto para atender as crianças. E aí seria interessante, se tivesse o apoio governamental. (ENTREVISTADO 1)

O entrevistado 1 elucida dois pontos importantes na educação patrimonial em Ouro Preto voltada pro viés da valorização da contribuição dos povos africanos em relação com as ações da mina. O primeiro é a ação da Mina Du Veloso em propiciar de forma voluntária o acesso dessas crianças à história e o afroturismo. O segundo é a falta de apoio governamental para que essas ações continuem a acontecer.

Analisando o impacto do poder público na democratização do lazer, Luiz Viana (2021) traz uma consideração:

Por outro lado, a espetacularização e a midialização vinculadas ao turismo desenvolvido nos centros urbanos das cidades históricas de Minas Gerais, limitam territorialmente os espaços culturais de cidades como Ouro Preto, contribuindo para que os centros das cidades históricas sejam mais bem equipados para que as manifestações culturais possam acontecer, interferindo até mesmo no direcionamento de verbas públicas destinadas à cultura, educação e lazer somente para esses espaços. (VIANA, 2021, p.126)

Viana (2021) evidencia a importância do poder público no acesso ao lazer e os equipamentos culturais de Ouro Preto de forma mais igualitária, e atenta também a problemática do centro e dos arredores centrais serem mais bem equipados em termos de lazer. Posto isto, é notório a necessidade de expandir as ferramentas potencializadoras de lazer para além da área central.

Figura 5: Escola Municipal Izaura Mendes, de Ouro Preto, em visita à Mina Du Veloso.



Fonte: Página da Mina Du Veloso no Instagram (2019)

A Mina Du Veloso ainda assim propicia o sentimento de acolhimento e receptividade aos moradores de Ouro Preto, e principalmente a população do bairro, como vemos na fala do entrevistado 3:

E sempre teve essa preocupação de nós ao atendermos esses moradores e alunos, de dar a mesma explicação que dávamos para o turista para eles. Então às vezes o morador chegava e a gente esperava um pouquinho pra ver se chegava algum turista, porque o morador não paga pelo ingresso, e aí fazer a explicação toda da Mina, então não existia distinção da explicação que era dada ao turista e a explicação que era dada ao morador. Muitos eventos que acontecem em Ouro Preto, a gente vê a população de Ouro Preto só trabalhando, nas barraquinhas de comida, catando lixo, catando latinha. Mas ver a população ouropretana trabalhando efetivamente nesses eventos, como na organização, é muito difícil. E eu deixo até bem claro nessa entrevista que é muito difícil ver alguém administrando certos eventos, e até mesmo público, que seja uma pessoa preta e que não more no centro. (ENTREVISTADO 3)

Diante dessa fala do entrevistado 3, pode-se começar a entender questões como: Lazer, pertencimento, autoestima e representatividade da população negra de Ouro Preto em relação a cidade. Um viés que necessita de ser analisado é a relação da comunidade local com a Universidade Federal de Ouro Preto, onde não enxerga-se por muitas vezes um vínculo constituído. Sendo assim, é necessário pontuar que os alunos da universidade têm um importante papel na produção e no consumo de eventos na cidade, conhecidos popularmente como “*rocks*”, que são as festas

universitárias. Essas festas *a priori* são abertas para todas as pessoas da cidade, mas pouco se vê a população local e principalmente a população negra dentro desses locais.

Brandão (1989 *apud* ROSA, 2013, p.28), ao estudar as festas de Ouro Preto, afirma que existe a cidade história, patrimônio cultural, e outra cidade, a periférica, oficialmente não reconhecida. Posto isto, evidencia-se um dos dificultadores ao acesso ao lazer em Ouro Preto pela população negra.

Quadro 2

	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3
Mora fora da região central?	Sim	Sim	Sim
Como você enxerga o lazer para a população negra em Ouro Preto?	“eu sempre vi os espaços de lazer aqui em Ouro Preto com uma certa segregação e isso não num aspecto muito positivo”	“E aqui em Ouro Preto tem poucas políticas públicas de lazer para a população, né? Poucos espaços para o ouropretano poder participar sem gastar dinheiro, muitas opções que a gente tem são opções que envolvem gastos, que mexem com o financeiro.”	“são poucos lugares que proporcionem acesso a população negra”

“[...] ele faz uma série de "escolhas", de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado "ponto de vista" (GREGOLIM, 1995, p.16). A partir da análise das respostas obtidas pelo questionário é possível entender a vivência dos entrevistados no lazer na cidade de Ouro Preto, uma vez que podemos observar a perspectiva contada por pessoas racializadas, e observa-se que nas três respostas obtidas os indivíduos relatam a dificuldade de acesso ao lazer na cidade de Ouro Preto para a população negra, alegando segregação e falta de espaços públicos como um dificultador para o acesso.

Outro elemento muito importante do nível do discurso deste texto é a espacialização - os personagens são caracterizados pelo "lugar onde moram", o nome próprio que lhes é atribuído é uma localização espacial (GREGOLIM, 1995, p. 17). No quadro 1, é possível constatar que as três pessoas moram fora da região central da cidade, importante fato na análise do consumo de lazer, sendo que são locais que por muitas vezes falta o auxílio do poder público e são regiões

marginalizadas. De acordo com o último censo do IBGE (2010) 25% da população de Ouro Preto está abaixo da linha de pobreza, e totalizam em 0,9 % o valor médio do rendimento mensal total nominal da população parda e preta, enquanto totalizam em 1,7% o Valor médio do rendimento mensal total nominal da população branca e amarela.

Então eu participava muitas equipes aqui esportivas, futebol de campo, handball e a gente tinha essas opções aqui de treinamento e coisas do tipo que eram o meu lazer na adolescência, e também a gente tem as áreas naturais aqui de Ouro Preto, como a gente é nascido aqui no bairro São Cristóvão e de família com pouca renda a gente não tinha condições de pagar por lazer, então o nosso lazer era aproveitar as belezas naturais que a gente tem aqui Cachoeira das Andorinhas no bairro São Cristóvão, tem muitas cachoeiras aqui. Então eu sempre usei esse lazer não pago né? Mais das áreas naturais que a gente tem em torno aqui. (ENTREVISTADO 1)

eu lembro de uma época que eu e meus amigos queríamos andar de skate e bicicleta, coisas desse tipo, e não tinha nenhuma pista mais adequado para a gente poder praticar esses esportes e lazer aqui do nosso lado da cidade, para o lado do São Cristóvão, e só tinha e ainda tem somente na Vila dos Engenheiros, lá tem uma quadra, e aí você vê os lugares mais conservados, e durante muito tempo os espaços de lazer de Ouro Preto ficaram associados às quadras poliesportivas, pelo menos a impressão que eu tinha, e que eu ainda tenho sobre isso, que é muito resumida a isso (ENTREVISTADO 2)

Os espaços de lazer em ouro preto as pessoas escolhem intuitivamente, pensando em espaços públicos são poucos lugares, agora que está melhorando um pouco. Mas na minha vivência usávamos muito dos campinhos de futebol, geralmente eram em lotes fechados, cercados por muros de pedra, nos quintais de algumas casas, e também na serra, algumas minas, famos a cachoeiras, trilhas de bicicleta, sempre de uma forma bem intuitiva. (ENTREVISTADO 3)

“O lazer não é ainda democratizado e acessível aos setores periféricos em cujas localidades de acesso a esse direito ficam em um plano secundário e, às vezes, quase inexistente” (SILVA, p.238). Tendo em vista que a questão financeira é um dificultador para o acesso ao lazer na cidade de Ouro Preto, observa-se nas respostas dos entrevistados similaridade quando são questionados em relação aos locais de lazer, uma vez que, respondem apontando locais não pagos, sendo eles lugares ao ar livre como cachoeiras, trilhas e quadras poliesportivas. Na medida em que se observa o centro da cidade, que é muito utilizado para o turismo e na realização de eventos, percebe-se que é um local elitizado, ou seja, que necessita de um poder aquisitivo para desfrutar das opções de lazer que o mesmo proporciona.

Quadro 3

	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3
--	-------------------	-------------------	-------------------

Você acredita que a mina possa ser além de um atrativo turístico um equipamento de lazer? E que assim possa ser uma ferramenta que facilite o acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer?	Sim	Sim	Sim
Ponderam a falta de políticas públicas de incentivo ao lazer na cidade.	Sim	Sim	Sim

Quando questionados em relação a mina ser um equipamento de lazer e ainda assim ser um facilitador em relação ao acesso da população negra, os três entrevistados respondem afirmando que sim. Consideram questões como a falta de políticas públicas como um dificultador de acesso e atentam sobre questões de autoestima e pertencimento do povo negro.

E sempre tinha eventos lá, capoeira, às vezes tinha apresentação da escola de samba do São Cristóvão, próximo a mina. Algumas palestras dos estudantes africanos que fazem intercâmbio na UFOP, sobre a África. Então sempre tinha um evento acontecendo, as caminhadas, que era pra juntar as pessoas de Ouro Preto e principalmente as pessoas do bairro que estavam interessados em conhecer a Serra, aí iam pra Serra e depois voltavam para conhecer a mina. Teve uma experiência bacana, onde os estudantes do IFMG do curso de gastronomia, fizeram uma aula prática aberta. Então teve vários eventos na mina, fora desse eixo de tratar a mina somente como um atrativo turístico, e acabou virando um espaço de lazer também. (ENTREVISTADO 1)

Então as ações de turismo acabam se permeando com as questões de lazer essas para quem tiver no entorno e quiser participar desses momentos que a gente realiza as apresentações para os visitantes aqui. Essas ações acontecem regularmente ao longo do ano com os grupos que vêm para cá e também a gente promove ações aqui na mina para poder fazer essa aproximação com a comunidade no entorno. (ENTREVISTADO 2)

Eu acho que lá não é um espaço só de lazer, mas também de estudo e da valorização da cultura negra. Que pode trazer informações e pessoas interessadas nessa cultura africana do mundo inteiro, e promovendo assim a integração da comunidade com essas pessoas, possibilitando assim a troca. (ENTREVISTADO 3)

Figura 6: Evento de forró na Mina Du Veloso



Fonte: Página do Instagram do Forró de Bolso (2018)

Figura 7: Oficina de culinária na Mina Du Veloso



Fonte: Página da Mina Du Veloso no Instagram (2017)

Figura 8: Congado na Mina Du Veloso



Fonte: Página da Mina Du Veloso no Facebook (2019)

Na análise das entrevistas, os entrevistados explicam como a Mina Du Veloso pode ser um equipamento de lazer. Salientando que esse local é palco para diversos tipos de eventos, e que estes buscam a partir do viés da cultura a valorização do povo negro. Dessa maneira, trabalhando questões como a autoestima, ponto importante quando se analisa as vivências da população negra e o sentimento de pertencimento ao local, possibilitando assim o sentimento de acolhimento e bem estar, estes que estão intimamente ligados ao lazer.

“Eu acredito que a mina possa ser um equipamento de lazer, o aspecto turístico é para dar sustentabilidade, para poder pagar as contas e as pessoas que trabalham aqui” (ENTREVISTADOR 1), sendo assim a Mina Du Veloso configura-se não apenas como um equipamento de turismo, mas também como um equipamento de lazer, que auxilia assim na democratização do lazer em Ouro Preto

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender como o lazer é consumido em Ouro Preto com o recorte para a população negra e assim analisar a Mina Du Veloso como uma ferramenta de lazer. Deste modo, pensar na falta de representatividade negra em espaços públicos e de poder, permite que se entenda a necessidade do estudo de questões raciais e a importância da inserção desta população na sociedade, com o foco no lazer e o sentimento de pertencimento subjetivo das negritudes em seu local de morada, e também do papel que tal corpo ocupa nesses espaços. Dentro dessa perspectiva este trabalho também intenciona a necessidade de evidenciar e problematizar o fato da história do turismo no Brasil ter o enfoque de perspectivas predominantemente europeias, silenciando desta forma outras narrativas e viabilizando, portanto, a prática de epistemicídio que pode ser compreendida a partir das discussões oferecidas por CARNEIRO (2005).

Para analisar as potencialidades de um turismo decolonial, visando contar a narrativa afrodiáspórica da população negra de Ouro Preto e analisar o contexto histórico atrelado a relação dessa população com o lazer na cidade, foram utilizados as contribuições acerca desta temática proporcionadas por (VIANA, 2020) BRUSADIN (2014). Apesar das dificuldades enfrentadas em encontrar produções acadêmicas e historiográficas acerca do acesso ao lazer pela população negra em Ouro Preto, tais autores propiciam concepções valiosas e de suma importância para a análise dessa pesquisa.

Ouro Preto é um destino turístico fortemente procurado pelos turistas ao longo do ano, produzindo o turismo de massa. Com roteiros que por muitas vezes se concentram na região central e seus arredores, com narrativas na ótica europeia que desumanizam os povos negros e os diminuem ao serviço braçal e a condição de escravo e não de escravizado.

Nesta lógica, essa pesquisa objetivou a partir da Mina Du Veloso, que é um equipamento turístico e também de lazer, compreender como as narrativas afrodiáspóricas, contando a história não de forma hegemônica, mas sim abrangendo outras etnias e alcançando outras perspectivas corrobora para o sentimento pertencimento da população ouropretana. A partir de narrativas que humanizam e enobrecem a população negra, contando a história que por anos não foi contada, apontando a inteligência africana trazida para cá, e a importância dos negros na edificação de Ouro Preto, proporcionando assim que a população que é composta majoritariamente por pessoas negras, conheçam sua história e se reconheçam, e a partir daí consigam enxergar o negro como um ser de capacidade intelectual, de enxergar beleza nos seus traços físicos, e encontrar na ancestralidade sua memória coletiva que foi negada. A partir do sentimento de acolhimento que a Mina Du Veloso

propicia, esse equipamento turístico e de lazer se torna um facilitador ao acesso da população negra ao lazer em Ouro Preto

Sendo assim através da pesquisa de campo que foram realizadas com pessoas que eram tanto moradoras de Ouro Preto quanto agentes dentro da Mina Du Veloso e das análises de resultados, pode-se constatar a importância da discussão de lazer para a população negra de Ouro Preto, e as ações da mina em prol da inclusão dessa população não só no lazer mas principalmente como corpo político pertencente a cidade de Ouro Preto.

O presente trabalho sugere que haja o aprofundamento e o aumento de discussões de lazer, raça e turismo, principalmente na cidade de Ouro Preto onde as pessoas racializadas por muitas vezes não se vêem pertencentes a cidade que foi edificada pelos seus antepassados. A fim de que tal pesquisa retorne para a sociedade como uma ferramenta para a melhoria nas desigualdades sociais, e auxilie no debate acerca da população negra de Ouro Preto e sua relação com a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Kerley Santos. **Notas sobre a relação espaço-identidade no turismo**. In: BRUSADIN, Leandro Benedini; COSTA, Everaldo Batista; PIRES, Maria do Carmo. (Orgs.) Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder. 1. ed., São Paulo: outras expressões, 2012.
- ALMEIDA, Silvo. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: , 2019. 181 p. v. 1.
- ANGELA, Davis. **Mulheres, raça e classe**, 2016.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRÊTAS, Ângela. **Recreação e a Psicologia Sociohistórica: novas bases, novos caminhos**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 10, 1997, Goiânia. Anais... Goiânia: Gráfica e Editora Potência, 1997.
- BRUSADIN, Leandro Benedini; VIANA, Luiz Cláudio Alves. **O TURISMO ÉTNICO NA MINA DO VELOSO EM OURO PRETO (MG): um estudo do equipamento interpretativo do patrimônio afro**. Revista Turismo e Cidades. v. 3.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**: Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Lazer, **Cidadania e Responsabilidade Social**. Brasília: SESI/DN, 2006.
- DOCUMENTO **Desenvolvimento com Justiça Social: esboço de uma agenda integrada para o Brasil** (Policy Paper n.º 1). Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – IETS. Dezembro de 2001.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.
- DAVIS, Angela. **A Liberdade é Uma Luta Constante**. BoiTempo, 2018. 150p.
- FERREIRA, Eduardo Evangelista. **Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos**. 2017.

Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto.

GATES, Henry. **Negros na América Latina**. 1. ed. rev. São Paulo: Le Livros, 2012. 201 p. v. 1. Disponível em: Lelivros.org.com. Acesso em: 2 dez. 2021.

GREGOLIM, Maria. **A análise do discurso: Conceitos e aplicações**, São Paulo, 1995.

GOMES, Christianne *et al.* **Estudo Sobre a Temática do Lazer nos Cursos de Graduação em Turismo de Belo Horizonte, Minas Gerais**. Julho de 2010.

GOMES, Christianne L. **Lazer - concepções**. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 12. ed. rev. São Paulo: Vozes, 2014. 192 p. v. 1.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**, Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo, 2015.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3. ed. Brasília - DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural Imaterial,

JULIANA, Borges. **Encarceramento em Massa: Feminismos Plurais**. 1. ed. rev. São Paulo: Polén, 2019. 205 p. v. 1.

JOZANE, Bernadino. **Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil**, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. 1. ed. rev. [S. l.]: Cogobó, 2019. 239 p.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

KABENGELE, Munanga. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo, 2009.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas, 1996.

MARTONI, Rodrigo. **Turismo e Capital**, Curitiba, 2019.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. Turismo : espaço, paisagem e cultura**. Tradução . São Paulo: Hucitec, 1996. Acesso em: 06 jun. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Governo Federal do Brasil. **Relações raciais na escola: Indicadores de Qualidade no Brasil**. São Paulo: 2013. 100 p

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo: Feminismos Plurais**. 1. ed. São Paulo: Polén, 2019. 246 p. v. 1.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. São Paulo: EDITORA PERSPECTIVA S.A., 2016. 197 p. v. 1.

NUNES, Ginete C.; NASCIMENTO, Maria Cristina D.; LUZ, Maria Aparecida C.A. **Pesquisa Científica: conceitos básicos**. Id on Line Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016.

REQUIXA, Renato. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

REQUIXA, Renato. **Sugestões e Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil.** – 1 a ed. 1995 – 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROSA, Maria: Lazer em Ouro Preto e Mariana: Espaços equipamentos. Ouro Preto, ed. UFOP 2013

SAN'T, CAMILA: **Resenha do livro: “lugar de negro”**, In: MARCONE, Henrique. Revista Culturas Jurídicas, Vol. 5, Núm. 10, jan./abr., 2018

SILVA, Débora *et al.* **A importância da recreação e do lazer.** Brasília. ed. Ideal, 2011.

SILVA, Fabiana; CASTRO, Fernanda; MEDEIROS, Carlos. **Metodologia da pesquisa.** Bahia, 2010.

SILVA, Michele. **Identidade, Pertencimento e Sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre**, disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.44388>

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. **Turismo Étnico Afro no Brasil.** In: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 8., 2011, Balneário Camboriú. Anais eletrônicos. Balneário Camboriú: ANPTUR, 2011. p. 1 - 12. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/8/10.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2022

VIANA, Luiz **O TURISMO ÉTNICO NA MINA DU VELOSO EM OURO PRETO (MG): um estudo do equipamento interpretativo do patrimônio afro.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Dezembro de 2021

VIANA, Luiz; BRUSADIN, Leandro. **O TURISMO ÉTNICO NA MINA DU VELOSO EM OURO PRETO (MG): um estudo do equipamento interpretativo do patrimônio afro.** 14 abr. 2020.

VIANA, Luiz; BRUSADIN, Leandro. **PATRIMÔNIO, TURISMO E IMAGINÁRIO URBANO: a fragmentação espacial e social da imagem da cidade de Ouro Preto (MG- Brasil).** jun. 2019.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural: Feminismos Plurais.** 1. ed. rev. São Paulo: Polén,

2019. 221 p. v. 1.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de Entrevista.

- I. Como você enxerga o lazer em Ouro Preto?
- II. Como você enxerga o lazer em Ouro Preto para a população negra e para a população oriunda da cidade? E qual é sua experiência enquanto morador com o lazer em Ouro Preto?
- III. Quais os fatores são fundamentais para se considerar em relação ao sentimento de pertencimento a cidade de Ouro Preto pela população negra?
- IV. Você acredita que a UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) tenha um papel importante na produção de lazer na cidade de Ouro Preto? Se sim, você vê ações que possibilitam o maior acesso a população negra a esses espaços de forma que se sintam acolhidos?
- V. Como surgiu a ideia da criação da Mina? Quais foram as dificuldades enfrentadas durante o processo?
- VI. Você pode me falar um pouco sobre a narrativa da história contada na Mina?
- VII. Você acredita que a mina possa ser além de um atrativo turístico um equipamento de lazer? E que assim possa ser uma ferramenta que facilite o acesso da população negra de Ouro Preto ao lazer?
- VIII- Você pode me falar um pouco sobre as oficinas e as atividades de lazer que ocorrem na Mina Du Veloso?

APÊNDICE B- TERMO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "A POPULAÇÃO NEGRA E O LAZER EM OURO PRETO: A Mina Du Veloso como equipamento de lazer, turismo e narrativas afrodiáspóricas", orientada pelo Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves, do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Para a realização deste trabalho coletamos informações, por meio de uma entrevista, com pessoas do referido público estudado. Sua participação neste estudo é voluntária. Se você não quiser participar, pode recusar a qualquer momento, sem qualquer problema. Se você aceitar participar desta pesquisa, contribuirá não apenas com uma discussão acadêmica sobre acessibilidade ao lazer pela população negra, mas tais resultados gerados no Trabalho de Conclusão de Curso poderão colaborar com futuras reflexões importantes para o estudo.

Caso autorize, a entrevista será gravada, de modo que o entrevistador não perca os detalhes do que será informado. Os entrevistados não serão divulgados, apenas as suas falas, contextualizando-as com autores da respectiva temática.